

am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVI — Nº 2
FEVEREIRO 1985 — Cr\$ 1.500

PÃO PARA QUEM TEM FOME
CAMPANHA DA FRATERNIDADE - 1985



Direitos humanos



14

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, servem de subsídio para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir os Direitos Humanos.

ARTIGO XIV. Todo homem, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

Este direito não poderá ser invocado contra uma ação judicial realmente originada em delitos comuns ou em atos opostos aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito... porque Herodes há de procurar o menino para matá-lo (Mt 2,13).

Os Estados-membros devem prodigalizar à Organização das Nações Unidas os meios de responder às necessidades urgentes das pessoas sem lar, devido à guerra, em todos os lugares em que forem encontrados (*Declaração da IV Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, Upsala, 1968*).

Quando legítimos interesses o aconselham, deve ser permiti-

do ao cidadão transferir-se a outras comunidades políticas e nelas domiciliar-se. Por ser alguém cidadão de um determinado país, não se lhe tolhe o direito de ser membro da família humana ou cidadão da comunidade mundial, que consiste na união de todos os seres humanos entre si... Não é supérfluo recordar que os prófugos políticos são pessoas humanas e que se lhes devem reconhecer os direitos de pessoa. Tais direitos não desaparecem com o fato de terem eles perdido a cidadania do seu país... Entre os direitos inerentes à pessoa figura o de inserir-se alguém na comunidade política em que espera lhe será mais fácil reconstruir um futuro para si e para a própria família (João XXIII, Encíclica *Pacem in Terris*, 1963).

(Leia também: Lv 19,34; Nm 35,11).

PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

1. Conhece alguma pessoa ou família que está morando no Brasil e que é refugiada de outro país?
2. Saberia enumerar quais as dificuldades que enfrentaram ou enfrentam aqui, para poder se engajar na vida cotidiana? São dificuldades que por lei não deveriam existir? Quais providências tomaram ou podem e devem ser tomadas?

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **PÃO PARA QUEM TEM FOME**
Campanha da Fraternidade de 1985.
- 8 • **UM PAÍS CADA DIA MAIS SUBNUTRIDO**
O alimento está cada vez mais caro e raro.
- 9 • **SAÚDE E BOA ALIMENTAÇÃO**
Direito ao pão e à educação para libertar-se de toda manipulação.
- 11 • **O MOMENTO HISTÓRICO E A LIBERTAÇÃO DO HOMEM**
Ser sensível e fraterno para humanizar o mundo.
- 12 • **VEREDAS, A VERDADE**
Aceitar a verdade é um caminho que conduz à maturidade.
- 13 • **COMPROMISSO: NÃO VIOLÊNCIA**
A linguagem das armas só destrói. A missão do cristão é construir.
- 16 • **DIVIDIR**
Dividir é entender que o excesso insulta aquele que tem carência.
- 17 • **A JUVENTUDE E A EDUCAÇÃO**
Educar a juventude para participar é um desafio permanente.
- 22 • **EXTREMISTAS**
Não é preciso recorrer a imagens infernais para nos renovar.
- 23 • **NOVA QUARESMA, TEMPO DE RENOVAÇÃO**
Tempo de amadurecer como homem e como cristão.
- 24 • **ANÁLISE DE NOTÍCIA**
A comunicação precisa ser exercida com responsabilidade.
- 25 • **TESTEMUNHOS: MÁRTIRES LATINO-AMERICANOS DO NOSSO SÉCULO**
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
- 29 • **ALCOOLISMO: AS DESVANTAGENS DO RÓTULO "DOENÇA"**
Taxar um alcoólatra de doente tem prós e contras.
- 31 • **A MAIS BELA, E POUCO VIVIDA, DAS ORAÇÕES**
Como rezar o Pai-nosso mais conscientemente.
- 32 • **OS LEITORES ESCREVEM**
- 33 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

FOTO DA CAPA:

Luiz Carlos Sá.
Gentileza Editora Salesiana DOM BOSCO.

EDITORIAL

Pão e participação

O ano de 85 começou a ser desenhado. Politicamente, as cores verdes são abundantes. Há muita esperança de que o novo governo oriente um desdobramento político e administrativo mais racional, sério e honesto para o progresso dos brasileiros. Economicamente, continuamos no vermelho. A inflação continua a manter alta a febre de uma doença cujas causas a administração governamental atual não consegue controlar, há largos e dolorosos anos. E, socialmente, a cor predominante é o amarelo. O amarelo da fome. Amarelo derivado do vermelho da inflação e da política econômica brasileira. Há 10 anos atrás já 65% dos brasileiros comiam menos do que o necessário para uma vida saudável.

A Igreja não está alienada desse quadro real do nosso povo. Lança um programa de reflexão e ação para todos os cristãos e homens de boa vontade também responsáveis pelas cores do quadro social. É a Campanha anual da Fraternidade. A participação dos cristãos no processo de mudança é indispensável, quer no gesto concreto para a assistência urgente, que na reflexão e proposição de projetos que possam dar ao sistema atual um resultado eficiente em termos de direitos a uma vida mais digna para todos.

Neste número ajudam-nos a perceber as cores da vida do nosso povo os artigos "Um país cada dia mais subnutrido", "Saúde e boa alimentação" e "Dividir".

A Igreja, ao tentar mudar para melhor o quadro social, não pode perder de vista a perene proposta de Jesus Cristo: o mandamento do amor. Orienta-nos bem diante das encruzilhadas ideológicas e de ação o artigo "Compromisso: não violência".

Destacamos também: "O momento histórico e a libertação do homem", artigo que ressalta o valor e o sentimento de fraternidade e o quanto é importante estar integrado.

Este ano também terá as cores da juventude, pois é o Ano Internacional da Juventude. Os jovens certamente podem dar um colorido melhor à nossa atual sociedade. O risco da alienação existe, mas existe também sua natural energia que pode renovar muitas coisas. Integrar-se e participar são comportamentos difíceis enquanto não são exercitados. Quanto a uma experiência bem-sucedida com jovens estudantes na área da Educação — leia "A juventude e a Educação" — onde se vê que é possível integrá-los na participação. Leia também "Veredas, a verdade", o drama do jovem em conseguir dizer para si mesmo a verdade sobre si mesmo.

A Campanha da Fraternidade, como em todos os anos, toma impulso no tempo da quaresma. Um tempo de conversão. Para refletir sobre a quaresma: "Extremistas" e "Nova quaresma, tempo de renovação". E para meditar sobre o que rezamos: "A mais bela, e pouco vivida, das orações".

E o ano de 85 vai continuar a ser desenhado e pintado. As cores colocadas na tela da história são preparadas por nós mesmos, os que vivemos neste tempo. Aos cristãos, particularmente, cabe a responsabilidade de dar um colorido mais rico de alegria e de esperança, graças à força da fé que se traduz na caridade.

Estender a mão para alimentar o faminto de pão ou de participação, ou para saciá-lo em suas necessidades, é certamente um gesto que nos aproxima de Jesus Cristo.

Dar "Pão para quem tem fome" é um imperativo de amor fraterno que nos credencia para uma herança de bem-aventurança eterna. "Vinde, benditos do meu Pai, tomai posse do reino... porque tive fome, e me destes de comer" (Mt 25,34-55).

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP □ Composição, Fotelito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços:

Número avulso Cr\$ 1.500 - Ass. Anual Cr\$ 15.000 - Ass. de Benfeitor, Cr\$ 25.000

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: José Fernandes de Oliveira, Geraldo Barboza de Carvalho, Francisco Emílio Surian, Mauro Martins Amatzuzi, José Cristo Rey Garcia Paredes, José Wanderley Dias, Reinaldo Matias Fleuri, Isidoro De Nadai, André Carbonera, Carlos Alberto de Almeida, Maria do Carmo Fontenelle, Donald Lazo, Nilson Cordoni, Vitor Pedro Calixto dos Santos, Frederico Dattler.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.
Revisão: Attilio Cancian.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida e Isalás Teixeira Vieira. Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, Stanislav Sarja, Diomar Ignácio de Aguiar, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.

Polição gera anencefalia

Cubatão (CIC) — Durante um simpósio de saúde promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, realizado em Cubatão, SP, foi denunciado o nascimento de mais uma criança — 22ª desde 1981 — com anencefalia, ou seja, com ausência de cérebro. Os altos índices de poluição existentes na cidade, uma das mais poluídas do mundo, são apontados como principais responsáveis pelo nascimento de crianças sem cérebro.

Encontro Nacional de Estudantes Cristãos

Vitória (CIC) — Realizar-se-á em Vitória, ES, dos dias 24 a 28 de julho de 1985 o Encontro Nacional de Estudantes Cristãos (ENEC-85). O objetivo do Encontro é reunir estudantes cristãos brasileiros de 2º e 3º graus, num ambiente fraterno de profunda comunhão de fé, para intercâmbio de experiências, informações, reflexão bíblica e análise da realidade, a fim de incentivar uma forte atuação evangélica nos meios estudantis. Foi escolhido como tema principal "Os Cristãos e o Movimento Estudantil", subdividido em temas específicos, quais sejam: Os estudantes cristãos e o movimento popular; O movimento estudantil cristão no Brasil; Os estudantes cristão e o movimento dos secundaristas; Os estudantes cristãos e o movimento universitário; As Igrejas e os estudantes no Brasil; Os estudantes cristãos e as entidades ecumênicas. A promoção faz parte das comemorações do Ano Internacional da Juventude. Os interessados em maiores informações poderão entrar em contato com a Secretaria de Intercâmbio Nacional — ENEC-85 — Instituto Metodista Bennett/Pastoral, Rua Marquês de Abrantes, 55/22.230 Rio de Janeiro, ou pelo Tel.: (021) 245-8000, ramal 51.



Fome mata 7 milhões de crianças na AL

Paris (CIC) — O jornal católico *La Croix* concedeu, pela 3ª vez, o prêmio "Direitos Humanos", instituído em 1982 por ocasião do centenário da fundação do diário. Foi agraciado Yvès Perón, que montou, com ajuda de amigos franceses, vários centros de nutrição infantil em alguns países da América Latina. O prêmio de 100 mil francos franceses servirá para abrir mais um centro em Tegucigalpa, capital de Honduras. Ao receber o prêmio no salão nobre da UNESCO, Perón afirmou que cada ano morrem de fome na América Latina 7 milhões de crianças. O trabalho beneficente de Yvès Perón foi selecionado entre 88 outras obras sociais, que sobrevivem sem auxílios oficiais.

Povo mapuche terá defesa

Temuco (CIC) — Para defender sobretudo os direitos do povo indígena mapuche, fundou-se em Temuco a "Comissão dos Direitos Humanos", que quer também defender os direitos das minorias étnicas do Chile, em estreito trabalho com a Comissão Chilena dos Direitos Humanos. Os mapuches são o mais importante grupo indígena do Chile e vêm sofrendo muitas pressões nos últimos anos e restrições à sua cultura tradicional.

Mais sete bispos para a Igreja

Vaticano (CIC) — João Paulo II sagrou mais sete bispos em celebração na Basílica de São Pedro. Cerca de 10 mil pessoas assistiram à cerimônia. Os bispos sagrados são: Rinaldo Saenz Lacalle, de Santa Ana, El Salvador; Jorge Medina, de Rancagua, Chile; Bernard Patrick Devlin, de Gibraltar; Pellegrino Tommaso Ronchi, de Santa Rufina, Itália; Afonso Ntka, de Mbanza, Congo, Angola; Kazimierz Gorny, de Petruza, Polônia e também bispo auxiliar de Cracóvia; Aloysius Balina, de Geita, Tanzânia.

Aumenta a desnutrição no Brasil

Brasília (CIC) — 300 professores nutricionistas de diversos países participaram recentemente do 7º Congresso Latino-Americano sobre Nutrição, realizado em Brasília. Chamaram a atenção para o problema da desnutrição que aumenta consideravelmente desde 1981. Segundo o nutrólogo Alberto Carvalho da Silva, presidente do conselho diretor da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp), "a pobreza é a causa da desnutrição". Diz ainda que "a desnutrição provocada por deficiência no consumo de calorias e proteínas, quando não mata, ajuda a matar; ou deixa marcas irreversíveis como o nanismo, a cegueira e o mau desenvolvimento da capacidade de raciocínio da criança". Os cálculos baseados em diversos levantamentos realizados a nível regional indicaram que o Brasil tem hoje o sexto maior contingente de desnutridos do planeta, mais de 80 milhões de pessoas, o que significa dois terços da população. Segundo o cálculo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), deste número, 12 milhões são crianças de até seis anos de

idade. Dados do Ministério da Saúde indicam que a mortalidade infantil deverá atingir em 1985 a cifra de 300 mil brasileiros de até um ano de idade: vítimas da fome, ou de outros problemas agravados pela redução da resistência do organismo da criança.

Congar recebe prêmio da unidade

Paris (CIC) — O padre Yvès Congar, 80 anos, recebeu dois prêmios por sua obra em favor da unidade cristã. O primeiro, no dia 27 de novembro, quando recebeu o prêmio "Unidade Cristã", criado em memória de Paul Wattson, co-fundador, em 1898, da "Sociedade da Reconciliação". Nascido dentro da Igreja Episcopal, o grupo todo passou à Igreja católica em 1909 e se ligou aos franciscanos, constituindo uma congregação religiosa. Congar, que não pôde receber pessoalmente o prêmio, por estar acamado, declarou sentir-se feliz com o gesto e lembrou as palavras de outro famoso dominicano, o padre Lacordaire: "Que sobrará de nossas obras daqui a 200 anos? O importante é viver". O segundo prêmio lhe foi concedido pela Igreja anglicana, no dia 3 de dezembro. O arcebispo de Cantuária, Dr. Robert Runcie, lhe fez pessoalmente a entrega da medalha em Paris.

Um padre vai para a Sibéria

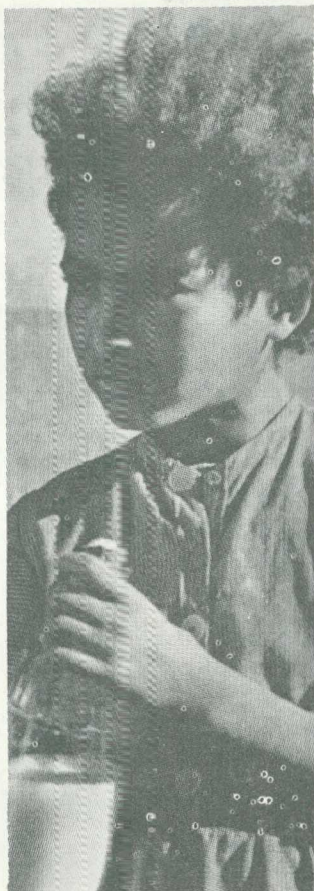
Moscou (CIC) — O padre Gleb Yakounine, sacerdote ortodoxo, fundador do comitê cristão para a defesa dos crenetes na União Soviética, depois de cinco anos de prisão, foi confinado a uma vila da Sibéria. Preso em 1979 e condenado em 1980 por "calúnia contra o Estado Soviético", o padre Yakounine queria o fim das restrições à liberdade religiosa nos países do bloco soviético.

Pesquisa revela aumento da pobreza

Genebra (CIC) — Em pesquisa realizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1974 existia 1,1 bilhão de pobres no globo. Este número cresceu em 1982 para 1,2 bilhão. Na Ásia houve um pequeno decréscimo no número de pobres no mesmo período, devido ao crescimento econômico observado na região, especialmente na China. Na América Latina e África, mesmo nos países exportadores de petróleo, observou-se um crescimento do número de pobres. Assim, por exemplo, de 1974 para cá, o número de pobres na África passou de 205 milhões para 258 milhões; na América Latina este número passou de 94 para 105 milhões e no Oriente Médio de 40 para 46 milhões. A mesma pesquisa da OIT constata que o número total de desempregados e subempregados nos países em desenvolvimento aumentou de 241 milhões para 448 milhões de 1974 para cá.

Miséria é a grande violência

Manaus (CIC) — Durante reunião com o clero local de Recife, dom Hélder afirmou: "A miséria do mundo é a violência n. 1 e quando esta explode surge a violência n. 2. Se quisermos livrar o mundo da violência temos que trabalhar para acabar com a miséria, e o resto é consequência". Dom Hélder respondeu com franqueza ao perguntarem sobre a legalização do Partido Comunista: "Este é um assunto para os leigos discutirem; nós, da hierarquia, discutimos os princípios; o que nos interessa em relação à política é o bem comum e por isso mesmo desejamos que haja partidos". Comentou ainda que há necessidade de um bom engajamento e que, se a "política é suja, precisamos entrar nela para poder limpá-la". Manifestou ainda o seu repúdio à política econômica



dos Estados Unidos, principal fator gerador da situação desumana que se encontram 2/3 da população mundial.

Jovens na Praça de São Pedro

Vaticano (CIC) — O papa João Paulo II convocou os jovens de todo o mundo para um encontro na Praça de São Pedro no dia 31 de março de 1985, domingo de Ramos. Como se sabe, o ano de 1985 é consagrado à juventude. No Brasil esta se pensando numa grande concentração na Praça da Sé, em São Paulo, na primeira quinzena de abril. O Conselho Permanente da CNBB aprovou a idéia, deixando a concretização por conta de dom Sinésio, bispo de Novo Hamburgo e responsável pelo "setor juventude" na pastoral brasileira. O ano mundial da juventude será marcado por várias outras iniciativas de grande porte no mundo inteiro.

Jovens treinam "liderança cristã" na Casa de Retiro

Na Casa de Retiro Bom Jesus, de São José do Triunfo, realizou-se de 1.º a 4 de novembro o II Encontro T.L.C. (Treinamento de Liderança Cristã), promovido pelo Grupo Jovem de Viçosa (G.J.V.).

Cerca de 60 jovens, nestes dias, através da consagrada estrutura do T.L.C., refletiram, rezaram e sentiram a responsabilidade de serem autênticos cristãos.

Foi coordenador do Encontro a jovem universitária Terezinha T. Reis, que contou com excelente equipe formada por elementos do G.J.V. e dos demais grupos da região.

Deram assistência espiritual o pároco, Pe. Carlos dos Reis Baêta Braga; Pe. José Caríssimo Sobrinho, pároco de Senador Firmino; Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, Diretor Espiritual do Movimento de Juventude de Viçosa; teólogo Oscar Germano de Oliveira, do Seminário Maior São José, de Mariana.

Na ocasião, houve importante palestra do cursilista Dr. Celso Machado, de Ouro Preto, sobre "Amor e Sexo". O sábio galeno, com muita firmeza de princípios, orientou os jovens no que tange a assunto tão delicado e importante.

Testes nucleares

Estocolmo (CIC) — Conforme cifras registradas pelo observatório Hagfors, de Estocolmo, no ano passado a União Soviética realizou 27 testes nucleares subterrâneos, os Estados Unidos 16, a França 7, a China 2 e a Inglaterra 1. Estes números somam um total de 53 testes nucleares em 1984. A quantidade aumentou sensivelmente nos EUA e URSS em comparação ao ano de 83, que teve um total de 48 testes em todo o mundo.

Revista de Catequese

São Paulo (CIC) — A Revista de Catequese, criada pelos salesianos (Cx. P. 30.439 — São Paulo, SP) em 1977, a partir do Sínodo sobre Catequese, vem sendo dirigida pelo padre Ralfy Mendes de Oliveira. Aparece quatro vezes por ano, apresentando, em suas 100 páginas, *Temas* de estudo, *Subsídios* e *Recensões*. É a única revista no gênero atualmente no Brasil e põe-se a serviço do processo de renovação da Catequese, tendo pleno apoio da Linha-3 — Catequese, da CNBB, que a utiliza como um de seus principais veículos de reflexão e comunicação. A Revista de Catequese conta atualmente com 8 mil assinantes.

AVISO AOS ASSINANTES

Brevemente o representante da Revista AVE MARIA, João Ferreira de Menezes, visitará as seguintes cidades paulistas: Itu, Salto de Itu, Indaiatuba, Elias Fausto, Capivari, Monte Mor, Jundiá, Louveira, Vinhedo e Valinhos.

O representante Jerônimo José de Faria visitará a cidade paulista de Piracicaba.

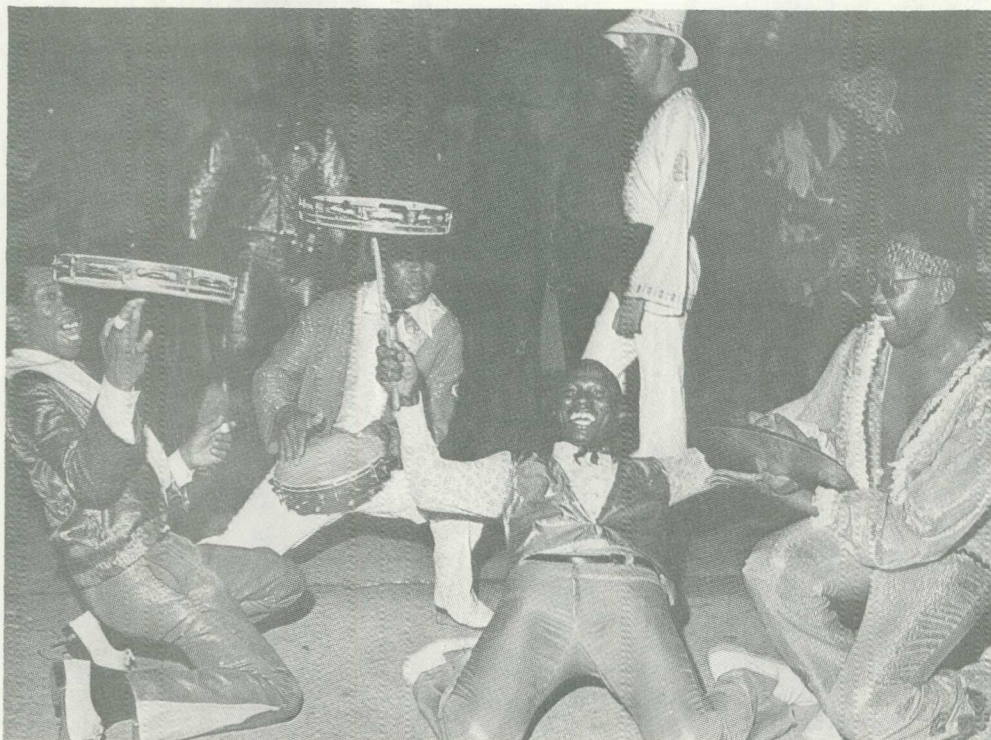
Em breve o representante da Revista AVE MARIA, Antônio José de Souza, visitará os assinantes de São José dos Campos, SP.

Brevemente o representante da Revista AVE MARIA, Pe. José Montessor, visitará os assinantes de São José do Rio Preto, SP.

Atenção, assinantes da Revista AVE MARIA residentes em Santos: encaminhem-se para a Igreja Coração de Maria, na Avenida Ana Costa, 74, para acertar sua assinatura com o Pe. Caleffi encarregado este ano da cobrança. Ele já está com os recibos.

CONSULTÓRIO POPULAR

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP



1.969

CARNAVAL

Gostaria que me explicasse a origem do carnaval.
(A. J. M., São Paulo - SP).

A origem do vocábulo "carnaval" (que antes era chamado de terça-gorda) parece estar ligada primitivamente ao conceito de "uso de carne". A partir da quarta-feira de cinzas a Igreja católica romana suprime o consumo de carne e dos divertimentos, como preparação para comemorar a ressurreição de Cristo após seu sofrimento e morte. Assim, carnaval, embora com algumas discordâncias, provavelmente deriva do radical latino *carno, vale* (adeus, carne).

Mas a origem propriamente dita do carnaval perde-se no tempo e a ela somam-se inúmeras explicações. Mas é possível si-

tuar historicamente esta grande festa popular. Na Grécia o carnaval nasceu junto com o teatro e a arte dramática. Ali se adoravam muitos deuses, entre outros, Dionísio, a divindade do vinho, da fertilidade e do amor. As festas de Dionísio eram regadas a vinho e se caracterizavam por uma alta dose de alegria e libertinagem erótica.

A Igreja católica, se não adotou o carnaval, tolerou-o com certa benevolência. Embora alguns papas o tenham condenado. O papa Paulo II chegou a permitir que a festa se realizasse certa vez numa rua fronteiriça a seu palácio em Roma, com suas corridas de cavalos, alegorias. Isto ocorreu no século XV. No período medieval tornou-se bastante violento, com lutas corporais, luta contra touros, etc. Mas, com o passar do tempo, es-

tas manifestações foram cedendo lugar a alegorias e máscaras e brincadeiras menos violentas. No renascimento foi introduzido o baile de máscaras.

Em nosso País, Brasil, todas as tradições carnavalescas têm sua origem na cultura primitiva do índio e do negro africano. A cultura africana trouxe ao nosso carnaval todos os ingredientes necessários para que ele se transformasse no mais atrativo e importante do mundo. As marchas, o frevo e o samba deram caracteres muito ricos ao carnaval brasileiro. Nos centros mais importantes da festa, como: Rio de Janeiro, Recife... o samba e o frevo representam a alma dos bailes e desfiles de rua. A nossa música mais representativa nos carnavais é o samba-enredo, que canta musical e poeticamente as coisas de nossa

cultura, de nosso folclore e de nossa história. E no Brasil o carnaval provavelmente é o mais descontraído do mundo, o mais alegre, uma imagem viva da alma de nosso povo.

1.970

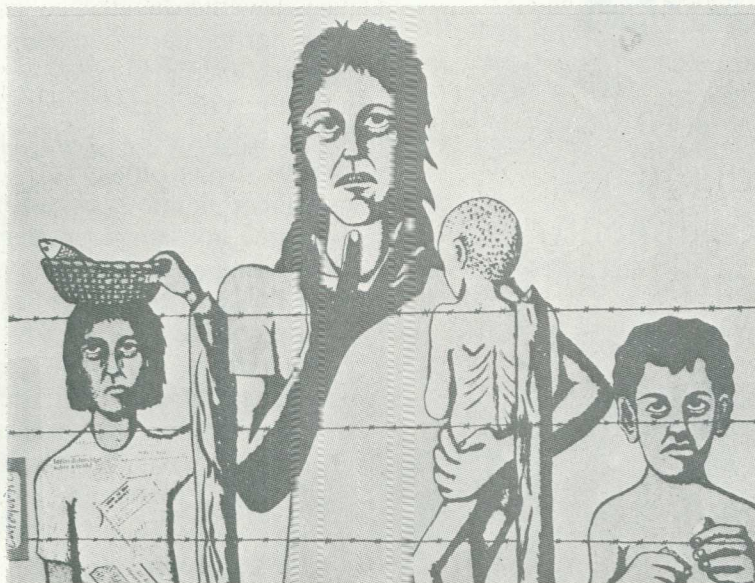
APAC

O que é APAC?

É a ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS — CENTRO DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL DR. FRANZ DE CASTRO HOLZWARH, iniciada em 1972 na cidade de São José dos Campos. Hoje, somente em São José dos Campos são mais de 200 ex-presos que trabalham em conceituadas firmas, exaurindo o círculo vicioso do prende-solta, tirando, assim, de circulação ponderável número de marginais que intranquilizavam a cidade. No início deste trabalho o índice de reincidência em São José dos Campos era de 75%; hoje, felizmente, não atinge 5%. O trabalho junto ao condenado é feito por um casal voluntário, que o acompanha e o orienta amigavelmente, sem tréguas, seguindo continuamente os primeiros passos titubeantes do ser em recuperação. Já existe hoje em dia, em plena atividade, a CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS APAC's. Contatos com esta podem ser feitos pela Caixa Postal 531 — 12.200 São José dos Campos ou pelo tel: (0123) 21-0532.

PÃO PARA QUEM TEM FOME

Campanha da Fraternidade - 1985



A Campanha da Fraternidade de 1985 se associa à celebração do Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em Aparecida, nos dias 16 a 21 de julho deste ano.

Os dois acontecimentos preendem ser a oportunidade de revigoração dos laços de fraternidade que, na fé, em aliança com Deus e com o próximo, quer em atos, atendendo mais à necessidade de dar pão a quem não o tem.

O pão é o símbolo e a realidade de tudo o que alimenta e mantém a vida. Todos os anos a Igreja convoca as pessoas de boa vontade e especialmente os cristãos para que, unidos, proclamem e vivam de maneira perseverante um aspecto particular da fraternidade.

Para o ano de 1985 o apelo é feito em vistas à defesa e promoção do sagrado direito que cada ser humano tem de satisfazer sua primeira necessidade humana, que é a da preservação. Pois, com fome e sede, o homem não se pode manter nem defender-se dos ataques dos parasitas ou das forças naturais.

Sob o tema "Pão para quem tem fome", a Campanha da Fraternidade deste ano procura mobilizar a todos para a reflexão e ação em torno de problema que é, ao mesmo tempo, causa e efeito de injustiça, de desemprego, doença, violência, não-rica: a FOME.

Este problema atinge uma grande parcela da população do Brasil. Segundo os dados do Banco Mundial, em 1975 o Brasil possuía 107 milhões de habitantes, sendo que 65% — 70 milhões — comiam menos que o necessário para uma vida saudável. Se projetarmos esse percentual para a situação de hoje, ficamos com a impressionante cifra de 93 milhões de subalimentados.

A nossa realidade brasileira atual mostra-nos que, apesar de estarmos numa época de tão elevado progresso científico e de termos a cifra de US\$ 2.000 dólares "per capita", 86 milhões de brasileiros sobrevivem com muito menos que as 2.240 calorias prescritas pela FAO como dieta mínima (dados do IPEA — Instituto de Planejamento Econômico). Esta deficiência alimentar produz uma raça de crianças raquíticas, homens condenados à baixa estatura, deficiências irremediáveis no desenvolvimento intelectual e gente mais vulnerável a doenças.

Todos sabem que renda "per capita" é um índice abstrato: é a divisão da renda total pelo número de habitantes, como se cada um recebesse a mesma renda. Na realidade, ela não foi partilhada com a população que crescia, mas foi concentrada nas mãos dos que já tinham uma renda maior. Desta forma, os 5% mais ricos da população dispõem de uma

renda 30 vezes maior que os 50% mais pobres.

Evidentemente, isto não está nos planos de Deus. Ele nos criou a todos com igual dignidade; portanto, com iguais direitos a viver e se desenvolver saudavelmente.

O mundo no qual o homem foi colocado é inacabado: é lugar de esforço e de progresso. Pode se tornar em paraíso ou pode se transformar em inferno. Nenhuma dessas alternativas será obra do acaso.

Aos homens compete a responsabilidade pelo destino da criação.

E, no que se refere ao alimento, antes de despedir o próximo de mãos vazias, convém refletir nas palavras de Jesus: "Dai-lhes vós mesmos de comer!" (Lc 9,12-13).

Aos cristãos que têm como expressão mais sagrada de sua fé a participação na Eucaristia, as palavras de João Paulo II (em "Coena Domini" n.º 6) ajudam-nos a refletir: "Se o nosso culto eucarístico for autêntico, deve fazer crescer em nós a conscientização da dignidade de todos e de cada um dos homens. A consciência desta dignidade, depois, torna-se o motivo mais profundo de nossa relação com o próximo".

Se, desarmados de preconceitos, olharmos bem atentamente no fundo dos olhos de nossos irmãos menores, os pobres, veremos claramente a fome de pão, a necessidade de alimento indispensável para cada dia, e a fome de esperança e de amor para viver.

Na prática o verdadeiro amor, impulsionado pela força do Espírito Santo, não vai deixar um ser humano indiferente à fome do semelhante. Certamente a fé animará aquele a ajuntar-se a outros irmãos que também desejam encontrar soluções que serão, dentro do espírito do ano, tão significativas quanto maiores forem as necessidades.

Além do sentido imperativo ao amor, a identificação de Jesus Cristo ao faminto será também um consolo e uma felicidade quando certamente um dia ouvirmos a sua palavra: "Vinde, benditos do meu Pai, tomai posse do reino... porque tive fome, e me destes de comer" (Mt 25,34-55).

Um país cada dia mais subnutrido

José Fernandes de Oliveira

O país está cada dia mais subnutrido porque o alimento está cada dia mais raro, mais caro e mais exportado...

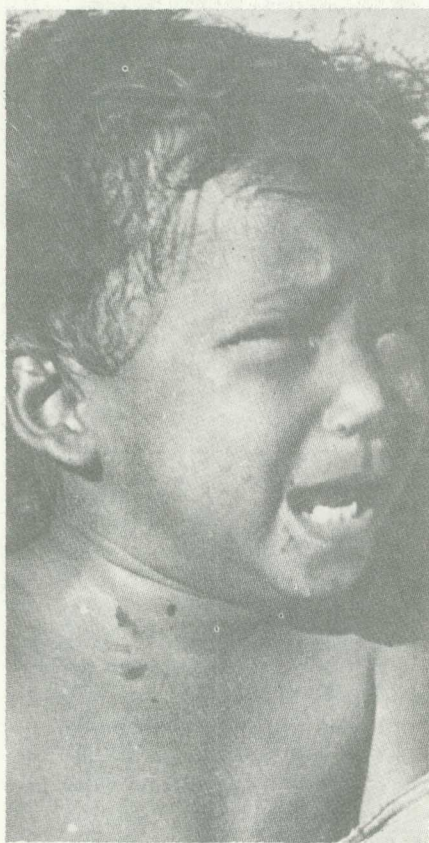
Se estiverem certas as estatísticas, em 1972, 10% dos mais ricos detinham 50% da renda nacional. Naquele ano, os latifúndios ocupavam 1/3 da área cultivável do País. Naquele mesmo ano o Brasil exportava 2,9 bilhões de dólares.

Em 1984, 12 anos depois, o Brasil exporta 21,9 bilhões de dólares. Consta que 1/3 desse valor é obtido com a exportação de alimentos e produtos agrícolas.

Lidos estes números, talvez tivéssemos razão para ufanias. Ufanias e euforias à parte, é bom lembrar que este mesmo país que exporta hoje 21,9 bilhões de dólares, dos quais 1/3 em comida para outros povos, é — pasmem todos! — um dos cinco maiores exportadores de alimento e um dos doze países mais subnutridos do planeta.

Como conseguimos isto? Como é possível que, num país que se dá ao luxo de produzir combustível vegetal em macroescala, no vasto Nordeste as crianças nascidas nos últimos cinco anos apresentem um índice tão alto de subnutrição que se pode dizer que, para cada menino de físico normal, há um de físico anormal por... fome e subnutrição?

Nos últimos sete anos, de 1977 a 1984, o Brasil produziu 12% menos alimento, enquanto a população passou de 100 milhões para quase 130 milhões. Aumentamos entre 25 a 30 milhões de



bocas e estamos produzindo mais álcool, pinga e petróleo e menos arroz, feijão, milho, mandioca e batata. Já a cana-de-açúcar, para encher o tanque do automóvel, aumentou em 75%.

A conclusão lógica é a de que o Brasil dos últimos sete anos não plantou para alimentar os brasileiros, mas para exportar mais, importar menos e pagar suas dívidas. Nossa comida vai para a Europa, a Ásia e o Oriente Médio; nosso álcool fica aqui e, com isso, gastamos menos em importação de pe-

tróleo. Nossa terra produz menos alimento, enquanto a cana-de-açúcar avança.

Sem ânimo para plantar porque o governo de fato não garante — ou porque não pode ou porque é mesmo incompetente —, o homem do campo tem plantado menos. E, quando colhe, fica preso entre os preços aquém das despesas com o plantio e os atravessadores que abusam do poder econômico que possuem.

O País está cada dia mais subnutrido porque o alimento está cada dia mais raro, mais caro e mais exportado... Quem vive no seu castelo dourado e na redoma de um centro de cidade, cercado de apartamentos de luxo ou casas de relativo conforto, talvez não sinta e não veja o que acontece numa favela, numa periferia de cidade, num bairro pobre ou numa casa onde não entra nem o salário mínimo. Ajudaria, se disséssemos que pelo menos 70 entre cada 100 brasileiros se alimentam mal? De cada cem crianças quantas realmente têm um copo de leite, um pedacinho de carne e alimento forte para comer, a ponto de não precisar de cuidados médicos por desnutrição?

Não vê quem não quer. O brasileiro gordo, bonito e bem nutrido existe. Mas, nos últimos anos, para quem viaja pelo País, o que mais se vê nos morros, ravinas e periferias das cidades é gente desnutrida. Num país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados e mais de 9 mil quilômetros de costa marítima, é inimaginável que alguém possa morrer de fome... Mas morre! E, quando não morre, fica machucado para sempre. O país que descobriu que se pode plantar combustível, ainda não percebeu que está semeando vento... E quem semeia vento, mais cedo ou mais tarde colhe tempestade. Não é o que estamos colhendo nas inchadas periferias desse vasto País confuso? E então? Mudamos ou não mudamos a prioridade?...

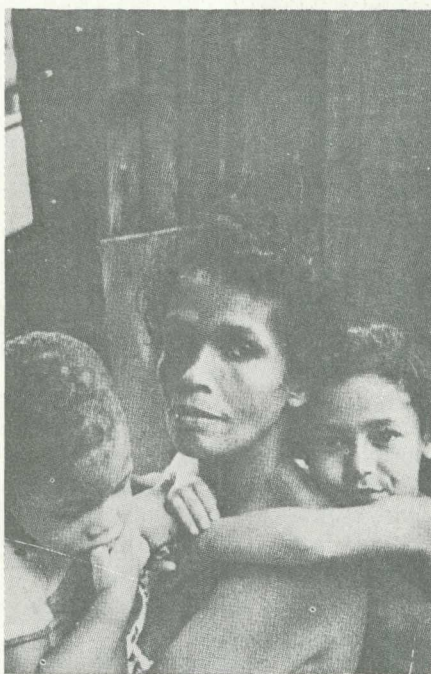
Saúde e boa alimentação

Geraldo Barboza de Carvalho

Fome de pão e fome de educação é o quadro de nosso povo. A esperança está em que nós, brasileiros, possamos gradativamente assumir nosso próprio destino, lutando pelo direito ao pão de cada dia e à educação, até sermos livres de toda manipulação.

O povo é a fonte da sabedoria de uma nação. O que uma nação produz de grande e duradouro em matéria de cultura — artes, ciências, filosofia, mística — origina-se no seio do povo. Os gênios da humanidade são a expressão mais pura do espírito de um povo. Não são gênios porque têm inteligência acima dos outros, mas porque exprimem fielmente o que um povo gostaria de fazer coletivamente. O povo é sábio, tem bom senso, senso de justiça e solidariedade humana. É por isso que a voz do povo é a voz de Deus, a fonte de toda sabedoria e de tudo que o homem produz de belo e bom. Ir de encontro à vontade do povo, mais cedo ou mais tarde, trará conseqüências negativas. A História registra incontáveis exemplos.

Os hábitos bons ou ruins de um povo estão muito arraigados em suas tradições sócio-culturais, em seus costumes, em seu modo de ser. Daí a dificuldade em remover um povo das coisas em que acredita, certas ou erradas. Coisas em função de que ele age, se comporta, determina seu destino. Razão por que reeducar um povo, de modo a que transforme seus hábitos ruins e adote pouco a pouco novos hábitos, é obra de muita paciência. Pois educar é o trabalho mais importante e difícil para um povo. Difícil, porque não se mudam hábitos da noite para o dia — Importante, porque novos hábitos determinam um “modus vivendi” mais saudável, um destino mais feliz. Educar no sentido mais amplo da palavra. “Quando se planeja para 50 anos, planta-se uma árvore; mas, caso se planeje para 100 anos, educa-se o povo”. Difícil remover do sertanejo, p. ex., a crença de que a honra está no sexo e que é valor supremo de uma



moça. Ela pode não ser em si valor máximo, mas, por ela, ele mata e morre. Assim lhe foi ensinado de geração em geração. E o hábito também faz lei.

Um hábito, um costume, um modo de ser, não se aprende, portanto, da noite para o dia. É, às vezes, obra de séculos, de milênios. Daí a dificuldade, por exemplo, de a cultura ocidental ser aceita pelos povos orientais. Quando aceita, causa muitos danos porque esbarra com tradições muito antigas. E não é sem razão que a sabedoria vem do Oriente e que os destinos da Humanidade estão no Nascer do Sol.

O Brasil é um país jovem. Em termos de história, 485 anos é uma infância do tempo. Durante esse período, no mínimo 3 raças contribuíram para formar esse novo amálgama étnico, com peculiaridades bem diferentes dos povos de origem. Pe-

culiaridades sociais, culturais, religiosas (o fatalismo do islamismo está presente no conformismo do nordestino: é a vontade de Deus; as religiões africanas influenciaram o catolicismo brasileiro e este deu o nome de seus santos aos orixás da umbanda, etc.); peculiaridades de costumes e comportamentos; peculiaridades educacionais, alimentares, sanitárias. Peculiaridades que formam os vícios e as virtudes do povo brasileiro, seus bons e maus hábitos. Somos realmente uma meta-raça, uma meta-cultura, não obstante a invasão das culturas ocidentais, mormente a americana, que pretende destruir nossos valores mais puros, prostituir nossos costumes, macular a mente de nosso povo bom.

Explorando os maus hábitos e a ignorância do povo

Alguns dos maus hábitos do povo brasileiro: alimentar-se mal e acreditar que saúde tem, quem toma remédio. São duas tenazes poderosíssimas, que prendem nosso povo ao subdesenvolvimento. Não é fácil mudar maus hábitos alimentares, de quem vem se alimentando assim de geração em geração. Não é fácil mudar a crença de que saúde é função de remédio, não de alimentação adequada — contendo todos os componentes vitamínicos e calórico-protéicos necessários a uma vida saudável e longa. Infelizmente esses maus hábitos dificultam soluções de problemas que emperram a evolução sócio-cultural de nosso povo. Maus hábitos, apesar da boa fé do povo. Maus hábitos que exigiram das autoridades empenho educacional permanente,

visando o bem-estar de todos. Mas fazem o contrário.

Com efeito, abusando da boa fé do povo e de sua crença tão arraigada, e aproveitando-se da displicência do governo para com seu povo, as gananciosas multinacionais dos remédios instalaram-se abundantes no País, com o aval e o benefício do governo. A ignorância popular, no tocante ao uso de remédios, é o terreno fértil, onde vicejou e viceja a ganância e a "picaretagem" do empresário multinacional dos remédios. Tal qual a indústria da seca, que enricou e continua ainda enricando quem já é rico, sem nenhum escrúpulo pelos flagelados, ante as vistas irresponsáveis dos poderes públicos, de mãos dadas com a corrupção e o protecionismo de alguns. De tal forma que, no Brasil de hoje, a indústria farmacêutica é dos ramos mais lucrativos das multinacionais instaladas aqui. Seus lucros são sacados sobre a fome e a miséria do povo adoecido por falta de condições humanas de vida, e sobre a ignorância. Os laboratórios farmacêuticos nacionais cerraram suas portas, ante o aluvião dos gananciosos monopólios internacionais que, além do mais, ainda recebem favores e facilidades tributárias, que o governo não concede ao empresário nacional.

Hoje, 90% da indústria farmacêutica brasileira são estrangeiros. Capital e lucros são estrangeiros. O permitido por lei e o "afanado" por debaixo dos panos. Laboratórios de todos os países do mundo capitalista instalaram-se aqui e aqui estão tendo mais lucros que em seus países de origem, onde o povo sabe que saúde se obtém com boa alimentação, e remédio só se toma para combater doenças e nunca para ter saúde. Pior. Esses laboratórios internacionais multiplicaram aqui suas etiquetas comerciais, para a mesma fórmula medicamentosa, só visando o lucro. São cerca de 10.000 nomes de remédios que poderiam se resumirem em 1.000 ou um pouco mais. Além do mais, diminuíram as dosagens das fórmulas anunciadas nas bulas, de modo a venderem mais remédios e conseguirem mais lucros. Isto já foi comprovado por mais de um laboratório brasileiro e denunciado. Mas, a saúde do povo não tem muita importância. Afinal, a indústria farmacêutica

é das que mais contribuem com ICM e outros "Is", para encher as burras do governo. Transplantaram fábricas inteiras da Europa e dos EEUU para produzirem e comercializarem aqui medicamentos condenados lá ao consumo público. Mas os governos revolucionários (!), de mentalidade colonialista, com complexo de potência mundial sem sê-lo, entreguistas e impatrióticos, apenas empolgados com os lucros dessas empresas e os impostos, insensíveis ao bem-estar do povo, escancararam as portas do País a esses mortíferos produtos.

O povo, joguete de interesses em nome do lucro

Portanto, para esses governos comprometidos com interesses não nacionais a exemplo de republiquetas subdesenvolvidas, primeiro vêm os lucros, depois, o bem-estar do povo. Primeiro, crescer o bolo; depois, reparti-lo. Só que o bolo foi devorado à medida em que ia crescendo, e dele o povo só viu migalhas. Tudo porque sabem que o povo, na sua boa fé e senso reto, é facilmente explorado, mesmo em prejuízo próprio.

Donde não ser difícil perceber-se a inominável "picaretagem", a escandalosa falta de ética dos que, governos ou empresários estrangeiros, aproveitando-se dessa boa fé e abusando dos maus hábitos do povo, incentivam-no a continuar neles, afirmando que saúde é remédio. E para dar credibilidade à aparente verdade dos picaretas dos remédios, as empresas usam o *leviatã da propaganda*, de preferência subliminar, associando os diferentes tipos de medicamentos a pessoas fortes, sadias, bem-sucedidas na vida. Até crianças são usadas como cobaias. Criança que produz bem na escola não é a que é bem alimentada, mas a que toma determinado fortificante. É a professora mesma quem dá. Pelé e outros astros nacionais estão contribuindo em grande parte para incrementar o engodo e a corrupção de que remédio é saúde. Até os padres são usados.

Associados à picaretagem das multinacionais dos remédios estão os ministros da agricultura e da saúde. — O primeiro, além de não produzir bastantes alimentos para os brasilei-

ros (é para exportar! primeiro, depois se come), os que restam são caríssimos, o segundo, favorecendo a fabricação de remédios caríssimos e ofensivos. Sem falar na grande contribuição do Ministério da Educação e Cultura, que mantém o povo na ignorância das coisas que deveria saber. Quanto mais o povo for ignorante, faminto e doente, melhor será para a indústria dos remédios. O povo doente e mercado consumidor a ser mantido. Pra que saúde, se a doença é que dá lucro? *A meta do capitalismo não é primeiro o lucro, depois o homem? A miséria do povo faz a felicidade das gananciosas multinacionais dos remédios.*

Em ajuda à ignorância popular, vem a maléfica, malfazeja BENFAM, cujo pretexto é contribuir para a limitação da natalidade nas famílias pobres e assim melhorar suas condições de vida. Mas o motivo real é manter o povo ignorante e doente, acorrentado à voracidade do lucro das multinacionais do remédio. E assim, de engodo em engodo, o povo permanece na ignorância e sendo "levado na conversa" de que é melhor tomar remédio do que se alimentar bem. Fica o povo na ignorância de que o melhor meio de limitar filhos é melhorar as condições de vida dos pais. Condições de vida que são trabalho, alimentação, educação, etc. O que não querem os gananciosos sugadores do sangue do povo. É a vez de se perguntar: "*On-de estão nossos governantes?*" Este País tem ou não tem dono?

A conclusão a que se chega é que falta aos governantes, aos políticos, ao empresário nacional uma consciência nacionalista autêntica, que vá além do ufanismo das bandeirinhas agitadas nas festas nacionais. Consciência de que o Brasil só será dos brasileiros, a partir do momento em que assumirmos nosso destino, com todos os riscos que a liberdade encerra para ser liberdade; a partir do momento em que nos despiremos dessa mentalidade colonialista e puxa-saco dos americanos, mentalidade esta que campeia até nas esferas governamentais superiores, onde ministros, assessores, políticos e quejandos estão, impatrioticamente, comprometidos com interesses não nacionais, numa falta de consciência política, o primeiro sinal do sudesenvolvimento.

O momento histórico e a libertação do homem

Francisco Emílio Surian

O homem moderno vive a experiência da aldeização Terra. Em questão de minutos, torna-se conhecido no mundo inteiro um acidente da Índia ou o lançamento de uma nave espacial nos Estados Unidos. Porém, há um forte preço a pagar nisso tudo. As duas notícias são recebidas quase que ao mesmo nível de sentimento: da mera informação. Não se chora por uma nem se vibra pela outra, ambas caíram na normalidade de nossa aldeia global. O homem moderno tem-se tornado insensível e o excesso de informações catastróficas tem contribuído para isso. Nossa atitude de indiferença é uma condição de sobrevivência, caso contrário estaríamos condenados à loucura, assistindo, a cada dia, a tanta desgraça e morte. O excesso de luz em nossas retinas nos cega momentaneamente. Estar insensível à realidade é uma maneira de viver sem aprender a melhor viver. No momento em que o homem tem coragem de ser crítico frente aos acontecimentos, ele percebe que a história é a sua melhor escola; e somente quando se tornar um bom aluno e tiver coragem de deixar que a "matéria" estudada penetre e transforme a sua vida, haveremos de conseguir transformar nosso planeta numa aldeia de povos realmente irmãos e civilizados.

A pessoa bem integrada em sua realidade sente e traduz em gestos seus sentimentos. Festeja as vitórias de seus irmãos e é capaz de largar seus afazeres diários para ajudar um amigo que está em dificuldades. Dessa forma a realidade é contagiante e vivemos ao sabor de nossa história. Normalmente aprendemos a viver melhor, aproveitando a experiência de vida das pessoas que convivem com a gente. Hoje, conhecemos um novo mundo. Por que não aprender também da vida daqueles que não conhecemos pessoalmente, mas com quem estamos constantemente em contato pelos meios de comunicação?



A insistência em mostrar um mundo de conflitos e catástrofes pode ser altamente depressivo, mas também muito educativo. Pode levar-nos a sentir que não somos raças e nacionalidades, mas, antes de mais nada, humanos. Mesmo que a cor, a língua, os costumes e a geografia nos distanciem, temos todos um lastro comum que nos identifica: A Vida. Desta maneira o momento histórico pode ser a possibilidade da libertação de cada homem, quando somos capazes de compreender que, mais que o conforto e as glórias almejadas pela nossa sociedade, vale a vida (CIC). ●

JOVEM

JÁ PENSOU NO CAMINHO A SEGUIR?
QUER SERVIR?



Quer ser gente que se preocupa com gente?
UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na pessoa do irmão mais carente, do menor abandonado. Aqui as Irmãs, SEGUINDO São Francisco, pobre dos bens deste mundo, procuram viver o Evangelho de Cristo através de uma vida de oração, de pobreza, em dimensão de amor e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo.
Av. Roberto Silveira, 150
C.P. 90062
25.000 Petrópolis - RJ
Fone: 42-0868

VEREDAS, A VERDADE

Mauro Martins AmatuZZi

A palavra tem um poder extraordinário: quando ela é a verdade, expressa uma relação certa e é pronunciada no momento certo.



No jovem o pensamento endoia, e ele pensa que tem a verdade. Aliás, no jovem tudo endoia. E frequentemente é um endoimento sadio. Ele está se exercitando, contribuindo com sua percepção aguda, descomprometida. Ele está se definindo.

A verdade da vida, entretanto, não se obtém apenas com o pensamento, mas com a ação, o compromisso, a experiência.

A necessidade de um encontro com a verdade tem um momento mar-

cante na juventude, mas não é só coisa da juventude.

O nenezinho sente fome, chora. A mãe aparece e ele mama. Depois ele acaba percebendo que pode obter, com o choro, muitas coisas. É através do choro que ele efetua uma ligação entre alguma coisa que está nele e alguma coisa que está fora. E ele chora. Esta é uma das primeiras experiências do homem com a verdade. Pré-histórica.

A palavra tem um poder extraordinário, quando ela é a verdade.

Quer dizer, quando ela expressa uma relação certa; e é pronunciada no momento certo. É isso que o garotinho descobre quando pela primeira vez consegue dizer "água", no momento em que está com sede, e aponta para o copo embaixo da torneirinha do filtro, alguém estando por perto. Ele conseguiu! Matou a sede.

Mais tarde o garoto descobre a mentira. Se ele disser que não foi ele que quebrou o copo, é capaz de a mãe sossegar e ele se sair bem, sem pitos nem palmadas. Estranha verdade que é a mentira! Ela participa do poder da palavra verdadeira, na medida em que tem um pouco de verdade. E no caso do garoto, tem. É que ele está com medo da ralhação, de verdade. E tenta se livrar com sua palavra. Se a mãe souber entender o que há de verdade na mentira, então melhor será para o garoto. Porque ele irá aprendendo a pronunciar a verdade de formas cada vez mais completas. Estabelecendo relações cada vez mais adequadas entre ele e o mundo. Relações que envolvem cada vez mais a totalidade dos aspectos envolvidos.

O drama do jovem é conseguir dizer para si mesmo a verdade sobre si mesmo. No começo ele pensa que pode fazer isso sem a experiência, sem a ação. No começo ele pensa que a verdade é livre como a música. Mas a vida se encarrega de ensiná-lo.

O adulto se encontra também muitas vezes diante do problema da verdade. E ele pode se enganar. Ele pode escrever lindas teses sobre assuntos irrelevantes. Pode se contentar com belas interpretações. Pode se contentar com declarações de princípios. Nada disso, por si só, o toca profundamente. Nada disso o compromete. E ele baila de lá para cá. Não há um processo de perguntar e responder, e tornar a perguntar e tornar a responder, com a vida.

Em qualquer situação você pode pensar que a verdade está em você, sem que você faça nada. Que você é a verdade. Ou você pode perceber que a verdade é fruto do viver, da experiência, da ação. E a experiência é a ação refletida e a reflexão do agir. Daí você participa da verdade.

Tem gente que fala muito, sabe.

Existem duas maneiras de se encontrar com a verdade.

Mais uma vereda de mato adentro.

COMPROMISSO: NÃO VIOLÊNCIA

Pe. José Cristo Rey Garcia Paredes.

(José Cristo Rey Garcia Paredes é sacerdote Claretiano, Diretor do Estudo Claretiano de Comenar Viejo (Madrid) e professor do Instituto Teológico de Vida Religiosa de Madrid.)

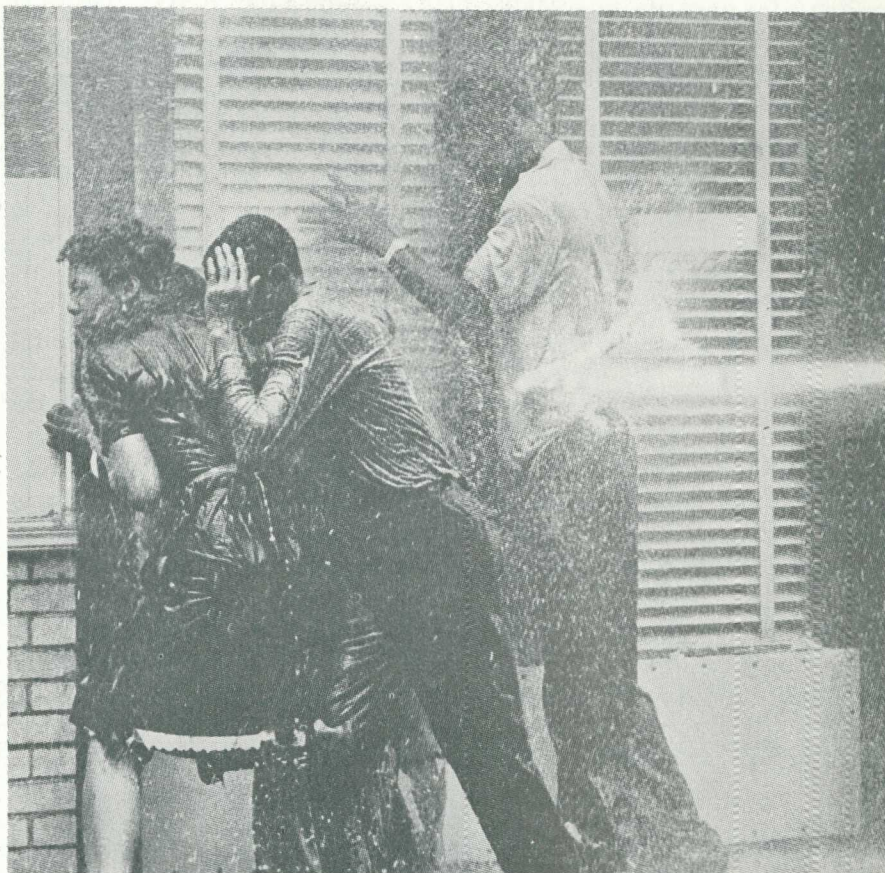
Ali onde a sociedade emudece, onde a rua sem saída faz estalar o desespero, onde o amor é cinza e não fogo, ali justamente o cristianismo tem a palavra.

Terrorismo absurdo

Um terrorismo em escala mundial pretende sufocar nossa civilização. A maior parte dos países têm de se enfrentar com bandos de terroristas, que intentam revolucionar as próprias bases da sociedade.

Fala-se das absurdas e repugnantes ações terroristas e condenam-se sem restrições. Mas, em tratando de interpretar mais profundamente a realidade, ficam latentes outras interrogativas: Que ideologia ou que escatologia pode levar à aceitação de uma empresa brutal, que desemboca inclusive num planejado suicídio? Exaltação? Fanatismo?

Há muitas coisas absurdas em nosso mundo; há muitos profetas que indicam caminhos de salvação e arrancam com isso os aplausos das massas; mas ficam à margem deste aspecto que encerra e prosperam às custas de seus próprios paradoxos. Falo de profetas de todas as ideologias: também cristãos, pois também ao cristianismo pode-se aplicar a tese 11 de Marx sobre Feuerbach: "Os filó-



sofos somente têm interpretado o mundo de um modo diferente; agora precisamos mudá-lo!"

Inconformismo e compromisso cristão

O cristianismo é por natureza inconformista com relação às estruturas deste mundo, mas ele se mundaniza quando seu profetismo se converte em simples oratória e esquiva a radicalidade última de sua mensagem: o sacrifício até a morte.

Nos ambientes eclesiásticos temos uma certa tendência a desfigurar a realidade: com demasiada ingenuidade confessamos que nossa Igreja é perseguida por cau-

sa da justiça, quando muitas vezes temos que reconhecer honestamente que são suas injustiças que rebelam os homens contra ela. Aceitamos com demasiada frieza os erros da Igreja, como se pertencessem a uma entidade anônima e, lamentavelmente, não sentimos essa mística inconformista que, como um agulhão, nos impulse a recobrar a dignidade perdida. Ser cristão não é mais um perigo para o Estado. O inconformismo dos primeiros cristãos constituía um autêntico crime contra a segurança do Império. Muitos daqueles homens e mulheres, reconhecendo que no rito do batismo introduzi-am-se no mistério da morte e ressurei-

ção de Cristo, não temeram deixar patente ante o mundo esta realidade e expressá-la no próprio martírio.

O inconformismo cristão no contexto de nossa época é sem dúvida muito mais complexo e obscuro. O pluralismo de nossa sociedade exige que lutemos em muitas frentes de tendências opostas: a técnica, a economia, a política, a ciência, a religião se apresentam como campos autônomos e independentes. Por isso, fala-se em “revolução total e permanente”. E o cristão se pergunta: Como pode colocar-se sob o signo de Cristo uma sociedade atéia, indiferente, exploradora e escravizadora pelas mesmas forças que ela gera? É possível chegar à sua libertação através de um processo de paciente espera? Temos que esperar com cristã resignação sua morte, sua aniquilação, para que depois Cristo a suplante com um *gratuito* Reino Escatológico? Muitos cristãos viram que sua esperança paciente é deserção e optaram pela *revolução*, compreendida em toda sua radicalida-

de, inclusive teológica; porém, lutam em frentes afastadas, num âmbito de insegurança e obscuridade, e os laços de união com a comunidade eclesial tornam-se cada vez mais tênues.

Sacrifício até a morte

O mais radical inconformismo e a revolução mais abrangente estão contidos naquelas palavras de Cristo: “Eu vos digo: Amai a vossos inimigos” (Mt 5,44). Em nosso mundo o conformismo da sociedade de consumo chegou até o extremo de “comercializar” a possibilidade de destruir o próprio inimigo, empreendendo os caminhos mais tortuosos e sofisticos: libertação do homem como *negócio*. Não é o amor ao mundo o que induz os profissionais do terror a praticar as ações mais temerárias. É um rescaldo íntimo de ódio diante de uma sociedade que não tem remédio *humano*; a ela se entregam para destruí-la, ainda que, paradoxalmente, sejam destruídos por ela.

O cristianismo deve apresentar, a partir da palavra de Jesus,

um novo estilo. A teologia não deve ser ciência, nem ideologia, mas sim, a expressão da permanência do Espírito de Cristo no mundo. Ali onde a sociedade emudece, onde a rua sem saída faz estalar o desespero, onde o amor é cinza e não fogo, ali justamente o cristianismo tem a palavra. Nós cristãos compreendemos muito bem o que significa sacrifício até a morte. A política e a religião condenaram Jesus ao Calvário porque ele não concordava nem com a religião nem com a política, que oprimiam aos homens. O “dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” não era um slogan pacifista; é uma concepção da sociedade “livre” que dessacraliza o político e despolitiza o religioso.

A missão do cristão é a de fazer compreender ao mundo a presença da luz e da esperança. A linguagem das armas conduz às trevas e ao sumo grau de desespero: destrói e aniquila. É necessário tomar uma decisão urgente, que não exclua o *risco*, sequer o próprio sacrifício de nossa vida.

Os leitores que receberam antecipadamente o artigo “Compromisso: não violência” assim se expressaram diante das 6 questões:

QUESTÕES

1. Você concorda com o autor que diz existir um terrorismo em escala mundial, que está pretendendo sufocar e destruir nossa civilização?

SIM: 90,3% NÃO: 9,6% INDIFERENTE: 0,0%

2. Em sua opinião, pode-se colocar sob o sinal de Cristo uma sociedade atéia, indiferente, exploradora e escravizadora, por suas próprias forças?

SIM: 3,5% NÃO: 96,4% INDIFERENTE: 0,0%

3. Você acha possível a humanidade colocar em prática o mandamento de Cristo: “Eu vos digo: Amai vossos inimigos” (Mt 5,44)?

SIM: 77,4% NÃO: 22,5% INDIFERENTE: 0,0%

4. Muitos homens e mulheres, reconhecendo que pelo batismo eram introduzidos no mistério da morte e ressurrei-

ção de Jesus, não temeram testemunhar esta realidade e expressá-la no próprio martírio. Você seria capaz de fazer o mesmo?

SIM: 77,4% NÃO: 19,3% INDIFERENTE: 3,2%

5. A missão do cristão é fazer com que o mundo compreenda a presença da luz e esperança. Diante desta situação de terrorismo que sufoca nossa civilização, você arriscaria a vida sendo portador desta presença da luz e da esperança?

SIM: 83,8% NÃO: 16,1% INDIFERENTE: 0,0%

6. Cristo, em seu tempo, não aceitou e condenou a estrutura política, onde a exploração e a opressão eram evidentes. Será que nós, continuadores de seu projeto de amor e fraternidade, deveríamos tomar atitude semelhante?

SIM: 93,5% NÃO: 3,2% INDIFERENTE: 3,2%

As respostas foram dadas por: 39,2% de homens
60,7% de mulheres

Das respostas recebidas: 90,3% foram individuais
9,7% foram em grupo

Opinião dos leitores

A cada dois meses a Revista AVE MARIA vai trazer artigos, cujas cópias são antecipadamente enviadas a alguns assinantes representativos da Revista AVE MARIA. As respostas às questões sobre o tema do artigo serão computadas, bem como um resumo dos comentários e opiniões. Os leitores que só agora estão lendo o artigo e, contudo, também desejarem opinar sobre o mesmo, devem escrever para a Redação, e suas opiniões serão publicadas no próximo número da AVE MARIA. Os interessados em receber os artigos antecipadamente também podem escrever-nos, solicitando cópias.

“Quanto à 2.^a questão, acho que esta nossa sociedade é exploradora e escravizadora. Ela está vindo da própria Igreja. A nossa Igreja hoje está elitizada, a opção pelos pobres feita em Puebla ficou só no papel, mas ainda podemos mudar se a Igreja, com a força que tem, levasse a classe sofrida, explorada e escravizada a pensar. São a maioria porque eles não fazem uma mudança, unem-se contra este imperialismo.

Quanto à 3.^a questão, minha resposta é sim, se o mundo fosse um todo, sem a mercadoria dinheiro. Se ninguém fosse dono de nada. Se todos acabassem com esta acumulação de bens, e esta preocupação de sempre ter mais. Enfim, este egoísmo.

Quanto à 5.^a questão, eu acho que sim, dentro de um campo que eu gosto e já estou trabalhando nele — política (PT). Acho que a única maneira de se conseguir mudar alguma coisa é lutar concretamente por aquilo, e gostaria de ver este mundo mudado. Então vou começar aqui no Brasil, e a única maneira de mudar alguma coisa é na política, com o apoio popular e com liberdade”.

Adélfio Mendonça (auxiliar de escritório) - Formiga, MG

“Acho possível a humanidade pôr em prática o mandamento do amor aos inimigos. Porém, se há conflitos, guerras e intrigas entre nações e países, em geral não é por culpa do povo e sim de uma pequena minoria, ou seja, seus dirigentes e governantes.

Talvez eu esteja sendo otimista em demasia, mas creio que, se o povo fosse sempre consultado a respeito de

decisões do seu próprio país, este não optaria pelos meios violentos”.

Alberto da Costa Azevedo (marceneiro) - Juiz de Fora, MG

“Quanto ao item n.º 3, acho possível em parte, pois, numa sociedade egoísta e interesseira em que a família — que deve ser a escola da compreensão e do amor — está se desintegrando, como iremos amar os nossos inimigos? Assim na minha opinião só os cristãos conscientizados é que poderão realizar essa ordem do Senhor Jesus; portanto em parte!

Em resposta ao item n.º 6, devo dizer que é possível tomar a mesma atitude, só com muito cuidado para não cairmos na violência, pois no meio de tanta injustiça, tanta fome e num país onde há tão poucos com tanto e tantos morrendo de fome, esse perigo é muito real.

Estas perguntas foram discutidas em grupo aqui na minha comunidade e estas foram as conclusões”.

A. Soares (metalúrgico) Taubaté, SP

Lutando por uma sociedade mais digna e humana, acho que poderíamos colocar sob o signo de Cristo uma sociedade atêia e indiferente. Deus não quer uma sociedade igual à que nos rodeia, mas sim, de pessoas que saibam estabelecer fraternidade, justiça e paz através do amor humano com Cristo, que saiam do comodismo que está corroendo cada vez mais e se comprometam a lutar por uma sociedade mais digna e humana”.

Adélia Jorge Soares (do lar) - Londrina, PR

“Amar o inimigo acho possível, pois o próprio Cristo nos deixou esse mandamento. Ele não pediria o impossível. É difícil fazer o mesmo que os mártires fizeram. O próprio homem é arrastado hoje ao não comprometimento até o extremo. Eu me empenho com as minhas atitudes firmes e constantes e coerentes. Procuo sempre e em todas as ocasiões testemunhar a morte e a ressurreição de Jesus, com firmeza, mas chegar ao martírio — sei que não”.

Adelaide Saraiva Brandão (professora) Espírito Santo do Pinhal, SP

“Por que tanta miséria? Dizem que é sinal dos tempos. Eu não sei bem se é realmente a má administração, principalmente em nosso país, sem falar no resto do mundo.

Deus não nos pôs no mundo para que sofrêssemos tanto e, sim, para que vivêssemos em seu amor.

O povo não está tão ateu, mas com desequilíbrio, não sabendo por onde andar, a quem procurar. Anda de religião em religião, procurando resolver seus problemas”.

Ana Maria Bocchio (do lar) - Bauru, SP

“O terrorismo existente no mundo de hoje não tem por objetivo destruir a nossa civilização; eu diria que ele é praticado por pessoas desprovidas do único sentimento capaz de vencer todas as barreiras, o amor, isto porque são pessoas movidas exclusivamente pelo egoísmo e revolta e pela falta de uma formação cristã.

O mundo ateu não se coloca sob o signo de Cristo porque não o aceita como filho de Deus que, sentindo como nós, nos mostra como agir diante das injustiças, das opressões e até mesmo do ateísmo. Se cada ser humano tivesse sempre em mente as palavras de Cristo: “Vim para servir e não para ser servido”, as estruturas da sociedade de hoje seriam diferente”.

Abigail Thomazini (professora) - Rio Claro, SP

Dividir

José Wanderley Dias

A divisão com espírito de união; a repartição sem caráter de diminuição do beneficiário; a distribuição com índole de justiça. Talvez isto não seja fácil e nem sempre obedeça às fórmulas aritméticas. Mas é o começo de um mundo mais justo, mais feliz.

Se pudéssemos falar numa operação bendita, bem-aventurada, esta seria a divisão.

Dividir, não no sentido de esfacelar, mas no significado de repartir. Quem divide, está reconhecendo o direito do outro, a pessoa do outro, até mesmo no condomínio com seus próprios direitos.

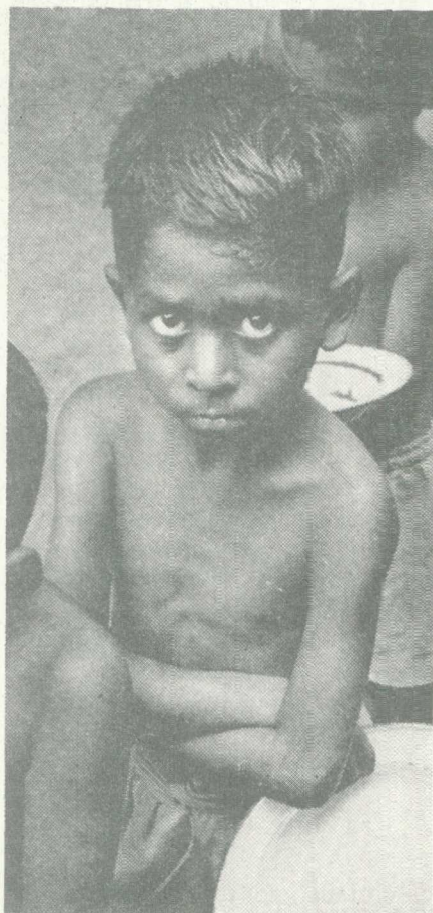
Quem divide as dores, está tornando-as mais suportáveis, mais aceitáveis.

Quem divide a alegria, está possibilitando a sua multiplicação por quantos venham a compartilhar de sua repartição.

Dividir é a antítese do egoísmo, da ambição.

Desde tempos imemoriais, verdadeiramente grandes foram aqueles que souberam dar, a muitos, os frutos, os bens, o júbilo, o contentamento e principalmente a si próprios.

Dividir é exercer a generosidade material, o que é comprobatório, explicativo e elucidativo da generosidade espiritual; dividir-se é ter a coragem de fracionar-se, e crescer por is-



to, para que outros possam beneficiar-se do desprendimento, do distanciamento da auto-satisfação. O segredo de bem administrar, por sinal, está em dividir encargos e responsabilidades, no que há demonstração multiplicada de confiança, assertiva de fé nos que se unirão na missão, pela partição de misteres.

Grandes problemas encontrariam começo de solução se houvesse, sempre que viável, o espírito de dividi-missões e tarefas.

Só assim, pela co-responsabilidade, se desestimularia a inércia, a preguiça, o comodismo injustificado.

Se a chuva sempre caísse em um jorro só, em um imenso temporal de uma nuvem incomensurável, não haveria o que resistisse ao seu impacto. Fracionando-se em gotas incontáveis de chuva, a água beneficia e rega. traz a vida, devolve o verde, possibilita o crescimento da planta e a exis-

tência do vergel onde, antes, só havia desolação. Dividir é o que se há de fazer para se proclamar que não há inúteis, que todos temos a nossa parcela a cumprir.

A avareza deixaria de existir; sumiriam os grandes e intoleráveis contrastes entre a sobra da ostentação e a falta da miséria, se, unitariamente e coletivamente, entendêssemos e praticássemos que a vida é dom geral e que, assim, todos devem ter legítimo acesso às suas fontes e àquilo que é indispensável para a sobrevivência humana.

Não dividir é ser não-solidário, ausente, omissos, afastado.

Dividir é possibilitar, é ajudar, é entender que o excesso insulta aquele que tem carência e angústia.

A divisão equitativa acaba com privilégios e discriminações, fazendo diminuir um dos fatores mais pronunciados de ódio e de revolta.

Não se descobrirá melhor maneira de terminar a fome do que repartir o pão; jamais se fará tanto para exterminar a ignorância como quando se distribuem e repartem os conhecimentos; nunca se conseguirão tantos sorrisos de reconhecimento como quando se for capaz de não guardar para si o que sobra, mas quando se tiver a coragem de procurar atribuir e conceder o que falta.

Quem tem a bravura de saber que os companheiros de comunidade também têm direitos, está fazendo aumentar a felicidade pela concessão de benesses.

A divisão com espírito de união; a repartição sem caráter de diminuição do beneficiário; a distribuição com índole de justiça.

Talvez isto não seja fácil e não obedeça sempre às fórmulas aritméticas de dividendo, divisor, resultado, quociente, resto.

É, porém, um começo de tornar este mundo mais justo, mais repartido, mais feliz, mais fraterno

Não custa começar a operação de dividir. Para isto, é preciso produzir, trabalhar, porque zero quando se divide continua sendo zero!!!



A JUVENTUDE E A EDUCAÇÃO

Educar a juventude para participar é um desafio permanente.

A antiga juventude, chamada transviada, pode muito bem ser chamada hoje de alienada. Por quê? O prof. Reinaldo Matias Fleuri levanta aqui alguns elementos para a reflexão em torno dos fundamentos da educação. Servem como subsídios aos pais e mestres, cujos filhos e alunos jovens começam agora (ou continuam) a integrar-se na sociedade como pessoas capazes de transformar a história para melhor. Esta reflexão é fruto duma proposta apresentada no início de um curso de Didática durante o 1º semestre de 1984, na qual o grupo-classe trabalhava como sujeito das decisões quanto ao planejamento, desenvolvimento e avaliação das atividades da citada disciplina.

Reinaldo Matias Fleuri é professor de Pedagogia na PUC de SP e na UNIMEP de Piracicaba, SP.

Educar: para quê?

Para se compreender o significado do processo educacional e da didática, é preciso levantar algumas questões fundamentais.

Em primeiro lugar, é preciso se perguntar *quem é o sujeito* do processo pedagógico. Pois a educação, assim como todo fato social, não é nem uma idéia abstrata, nem uma coisa concreta e mensurável. É um processo resultante de um conjunto de relações entre as pessoas. Trata-se, então, de questionar *quem toma as decisões* que determinam o rumo deste processo. Pois nestas relações acabarão predominando os interesses daqueles que participam efetivamente das decisões mais relevantes quanto ao encaminhamento das atividades do grupo.

Aqui surge já a segunda questão fundamental: *para que educar*, ou seja, quais os *objetivos* perseguidos no processo educativo? Podemos até distinguir os *objetivos* mais *imediatos* da educação, como as habilidades, as atitudes, os conceitos que se pretendem formar, ou os *objetivos* mais amplos e *fundamentais*, como o tipo de profissional, de homem, de sociedade que se pretende reforçar.

A resposta a esta questão determinará o enfoque da terceira: *como educar*, ou seja, quais os meios, as *estratégias* necessárias e adequadas para se atingir tais objetivos?

Ligada à questão da estratégia, está a questão do que se chama de "conteúdo", ou seja, *em torno de que educar?* O processo educacional implica certamente a aprendizagem, o conhecimento. Mas é preciso fazer uma pergunta óbvia: *conhecer o quê?* E a resposta, como veremos, não é tão óbvia quanto parece (1).

No processo educacional há um aspecto que possibilita garantir a sua continuidade. Trata-se da *avaliação*. Mas a respeito disso é preciso colocar ainda uma questão importante (além do que, como, o que e para que avaliar), ou seja, o que significa avaliar e *segundo quais critérios* se avalia o processo pedagógico?

A resposta a estas questões não pode ser unívoca, pois ela reflete o posicionamento na sociedade daquele que tenta responder. A sociedade não é um monobloco estático, mas um conjunto de pessoas, grupos, ge-

rações, com interesses diferentes e divergentes, que se relacionam de modo muito dinâmico. Por isso, surgirão tantas respostas quantos os grupos sociais, que vivem em relação e lutam entre si.

Aqui vamos tentar, esquematicamente, apresentar três modelos de posicionamento frente às questões levantadas acima (2). Não se pretende, com isso, apresentar definições acabadas e definitivas, mas levantar alguns elementos para a reflexão em torno dos fundamentos da didática e do processo pedagógico.

Modelo autoritário

Para muitos de nós, a resposta à primeira questão ("quem é o *sujeito* da educação?") parece óbvia: na escola é o professor, na família é o pai, na Igreja é o clérigo, no trabalho é o gerente ou patrão, no Estado é o governo...

As decisões fundamentais ou partem daqueles que "têm autoridade" ou são decisões por estes controladas. Tal autoridade jamais é questionada. Todos consideram que ela seja fonte de verdade e bondade. Tudo o que o chefe, o professor e o pastor mandam, é acatado como certo e bom para todos. Basta obedecer e cumprir as ordens, que tudo correrá da melhor maneira possível. Diante das determinações superiores, ninguém duvida, ninguém discute, ninguém diverge. Os outros, os subalternos, são considerados meros executores das determinações do "chefe". E os "educandos" não passam de "objetos" da ação educativa do "educador", correias de transmissão de seu saber.

E qual seria o *objetivo* da educação neste modelo? Para que educar? A resposta aparece límpida: este tipo de educação visa formar gente que só saiba repetir as idéias do chefe e cumprir suas ordens. Em palavras mais precisas, isto se chama alienação (3), ou seja, o processo pelo qual alguém é condicionado a viver (a pensar, falar, querer, agir) conforme os parâmetros e interesses ditados por um outro. Desta maneira, este pode explorar, oprimir, reprimir sem que a primeira faça muita resistência ou apresente reação séria. No fundo, o objetivo deste tipo de educação é adaptar as pessoas a um tipo de so-

riedade em que predominam as relações de opressão.

E quais as *estratégias* que se pode usar em tal tipo de educação? Há uma estratégia mais brutal, pela qual se impõe um tipo de relação autoritária, castigando-se os que a recusam e premiando-se os que a aceitam passivamente. Na escolha atual, os castigos físicos estão caindo de moda. (Talvez não se possa afirmar isso com tanta certeza, quando, na realidade, o aluno é obrigado a ficar quatro horas sentado numa carteira, sem poder falar nem se mover.) Em todo caso, a chamada, as provas, as notas estão em pleno vigor e são poderosos *meios de controle* do pensamento e da atividade dos alunos *nas mãos do professor*.

Contudo, ainda mesmo que estes instrumentos coercitivos não sejam ostensivamente usados, é possível utilizar infinitas formas de manipular o grupo. Por exemplo, o professor permite que o grupo participe de decisões irrelevantes, evitando efetivamente sua participação nas decisões fundamentais de seu processo. Ou então, pode-se dar a palavra a todos, mas a palavra final, a "conclusão" é a do "chefe"! (4).

E qual o *conteúdo* de tal processo educativo? No ensino escolar, aparece evidente: o aluno tem que aprender as teorias dos grandes sábios e cientistas. Isto pressupõe que a verdade resida nestes conceitos abstratos, elaborados por algumas mentes privilegiadas e transmitidos pelo professor. E "professor bom" é o que sabe repetir brilhantemente muitas teorias, cuja relação com nossa realidade geralmente jamais se consegue perceber.

A eficiência em repetir teorias (geralmente alienadas e alienígenas) aparece como *critério* fundamental de avaliação do processo educativo. Deste modo, a avaliação atua como o mecanismo que realimenta um processo não criativo, de monótona repetição. Trata-se de repetir sempre o que outros falaram, escreveram, ou fizeram. E quem se submete, recebe, como reforço, a nota, que vai lhe garantir o diploma, desejado como o meio para conseguir melhor posição na escala social.

E quem não "repete" o que o professor diz, "repete de ano", é impedido de conseguir diploma e de,

conseqüentemente, “subir na vida”, é impedido de galgar postos mais elevados nesta sociedade, cuja lei fundamental é obedecer a quem manda e submeter-se passivamente a quem explora.

O modelo liberal de educação (5)

Um segundo modelo que, de certa forma, geralmente se apresenta como contraposto ao primeiro é o que estamos aqui chamando de “liberal”. Este modelo está centrado na formação do indivíduo, como sujeito livre e dono de seu destino. E, para marcar suas diferenças, continuaremos nosso estilo caricaturesco de análise.

Para a postura liberal, o *sujeito* da educação é o *indivíduo*. É um processo essencialmente autodidata. O professor não é mais quem decide pelo

aluno (nem o padre pelo fiel, nem o pai pelo filho). É o próprio aluno “quem” decide “o quê” e “como” aprender, utilizando-se dos recursos e possibilidades que a escola oferece. Uma escola “liberal” deveria oferecer, então, o maior número possível de oportunidades, diante das quais o aluno poderia escolher segundo seus interesses. Enfim, o sujeito da educação é o indivíduo. Neste se encontra a fonte da “autoridade”.

O *objetivo* de tal educação seria reforçar o indivíduo como alguém capaz de ter opiniões próprias, tomar decisões por si mesmo e tirar proveito das oportunidades que a sociedade oferece. Ao formar o indivíduo como sujeito livre e autônomo, os pro-



cessos educacionais contribuem para adaptar a pessoa a um tipo de sociedade em que cada um, buscando sua satisfação individual, estabelece relações de competição, pelas quais se espera fazer avançar o progresso da sociedade.

As *estratégias* próprias deste tipo de educação tendem a promover a livre expressão e a “livre iniciativa”. Não utilizam métodos coercitivos, mas emulativos. Estimula-se o indivíduo a agir por si, geralmente através de gradativas recompensas individuais. O indivíduo fica sempre livre de buscar ou não certos objetivos e de fazer isso ou aquilo para conseguir-los. O fundamental é que se estimule a liberdade individual, pois esta é considerada fonte de todo o bem e de toda verdade. Neste sentido, as estratégias educacionais têm a função de criar todas as condições para que esta bondade e esta verdade emergja sem traumas.

E onde está a verdade? Qual o *conteúdo* a ser conhecido? A verdade, para o modelo liberal, estaria justamente dentro do indivíduo. Suas intenções, naturalmente boas, e suas opiniões, subjetivamente válidas, ao serem explicitadas, conduziriam ao conhecimento verdadeiro da realidade. Não se trata, portanto, de repetir teorias alheias, mas de cada um exprimir a própria opinião sobre os fatos.

O critério de *avaliação*, para ser coerente, deve ser essencialmente subjetivo. “Isto foi bom para mim, senti prazer ao realizar tal coisa e, só por isso, já é válido”. É o indivíduo, em última análise, o juiz supremo da própria ação e do próprio pensamento.

Mas diante desta perspectiva de educação, que à primeira vista poderia parecer inovadora, cabem algumas questões.

Será que educação liberal, reforçando o individualismo e a competição, não reforça efetivamente a busca da auto-afirmação, à custa inclusive da negação do outro, fomentando relações de opressão dos mais fortes sobre os demais? Será que, então, a educação liberal serve no fundo aos interesses dos grupos dominantes?

De fato, em nosso contexto social, só podem “fazer o que querem” aqueles poucos privilegiados cujas condições sociais lhe permitem viver no ócio e no luxo, sem a preocupação

de lutar pela sobrevivência. Mas ninguém consegue viver no ócio, se não há quem trabalhe por e para ele. Daí que tal projeto de vida é próprio da classe ociosa, que, na sociedade capitalista, é constituída pela burguesia, cuja riqueza e luxo são fruto inequívoco da exploração do trabalho de uma grande massa de gente (6).

Assim, a vida luxuosa dos proprietários dos meios de produção em nossa sociedade se faz às custas da exploração, que conduz os trabalhadores à miséria. Da mesma forma, o modelo liberal de educação só se torna possível para uma minoria, quando para a maioria se aplica o modelo autoritário.

Em outras palavras, tanto o modelo autoritário de educação quanto o liberal contribuem para a manutenção da estrutura social de classes, uma sociedade em que uns se enriquecem porque podem explorar o trabalho de outros, uns podem fazer absolutamente tudo o que desejam, porque impedem que a maioria possa gozar de seus mais elementares direitos. O sistema educacional, com efeito, em nossa sociedade — como diz Bárbara FREITAG em seu livro *Escola, Estado e Sociedade* (S. Paulo, Cortez, 1979, 3ª ed.) — está montado para formar alguns (os proprietários ricos ou seus executivos) para mandarem e outros (os trabalhadores, pobres) para obedecerem.

Em suma, o objetivo último destes modelos educacionais é, de fato, a manutenção desta atual e injusta estrutura da sociedade, segundo os interesses da classe dominante e exploradora.

E como seria, então, o modelo educativo que se poderia propor para apoiar um processo de transformação destas estruturas sociais?

Esta é uma questão que se poderá responder de modo adequado, na medida em que a própria práxis social de transformação for avançando.

Agora só podemos ousar algumas indicações, que passamos a apresentar também de modo esquemático.

O modelo de educação para a libertação

O sujeito social dominante na sociedade capitalista é a elite, constituída pelos proprietários dos meios de produção. Por isso, o sujeito da edu-

cação deve ser sempre aquele que o representa. Assim, na escola, o professor representaria o diretor, que representaria, em última análise, os interesses dos empresários capitalistas.

Ao contrário disso, o sujeito histórico de um processo de transformação desta estrutura social é constituído pelo povo ou, mais precisamente, pelas classes populares (7) que se assumem coletivamente como sujeitos de seu processo de libertação. Desse modo, num processo pedagógico libertador, o *sujeito* não pode ser exclusivamente nem o chefe, nem o indivíduo, mas o *grupo*.

E seus *objetivos* serão libertadores, na medida em que convergem para a mudança estrutural da sociedade, de modo a se superar as relações de exploração e de dominação, ensejando o desenvolvimento de relações de justiça e participação.

As *estratégias* educacionais deverão ser essencialmente dialógicas e participativas (8). Isto não significa que deverão se suprimir os conflitos. Pelo contrário, é necessário criar condições para que todos possam exprimir e defender suas idéias e suas propostas. E na medida em que as tentativas (conscientes ou não) de ação individualista ou dominadora forem sendo desmascaradas e superadas, as atitudes de respeito, diálogo e participação poderão ir se amadurecendo. Isto, porém, não eliminará o conflito. Apenas o elevará ao nível em que ele pode se tornar fonte de dinamismo e criatividade e; portanto, elemento fundamental para a construção e crescimento dos grupos e da sociedade.

O *conteúdo* da educação deixará de ser exclusivamente teorias abstratas ou intenções e opiniões individuais, para ser preponderadamente o conhecimento dos problemas que surgem na práxis de transformação social (9). E, na medida em que as pessoas assumem efetivamente uma práxis, sentem necessidade de conhecê-la melhor e se engajar nela. Daí que o estudo de teorias já elaboradas encontra sentido, porque ajuda a compreender os problemas que se estão enfrentando na realidade. Daí que as intenções e opiniões de cada um precisam ser explicitadas e discutidas, pois é a partir disso que o grupo cresce. É como Paulo Freire diz: “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens

se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (10).

Neste contexto, a *avaliação* é um momento fundamental. Não porque através dela obtém uma promoção acadêmica ou uma satisfação individual. Mas porque a análise que o grupo faz dos objetivos propostos à luz das atividades e experiências realizadas, assim como a análise das atividades e estratégias à luz dos objetivos propostos, permitem verificar os avanços e recuos do seu processo e reencaminhar de modo mais adequado a sua ação.

E o *resultado* será a transformação das estruturas de relações sociais, transformação que será experimentada não imediatamente, de forma global e definitiva, e, sim, através de pequenas mas significativas transformações, em diferentes âmbitos e níveis, que alimentam o processo lento e complexo de avanço histórico da humanidade.

Considerações finais

Aquilo que caracterizamos como “modelos” não apontam para *formar ideais*, inexistentes, de educação. Trata-se de alguns elementos que pretendem nos ajudar a ver e compreender criticamente nossa prática.

Esta visão crítica nos colocará diante da necessidade de fazer uma opção: ou reforçar as tendências autoritárias e liberais de nossa prática educacional, de modo a favorecer a manutenção das estruturas sociais vigentes (em proveito das classes dominantes), ou reforçar as exigências de libertação que emergem no contexto em que atuamos, de modo a promover a mudança das relações sociais (em favor dos interesses das classes populares).

Paulo Freire mostra que, enquanto educadores, não há modo de fugir a esta opção política: ou estaremos a favor dos opressores e contra os oprimidos, ou vice-versa.

Os educadores que optam por trabalhar a favor dos interesses objetivos das classes exploradas e oprimidas encontram-se diante de muitos

desafios. A mentalidade comum, a inércia da burocracia, os aparatos de repressão, os meios de comunicação, a estrutura autoritária das instituições, o código das leis... reforçam a estrutura vigente e, portanto, apresentam mil obstáculos para as iniciativas que conduzem à mudança:

Mas o desafio principal, para sermos coerentes com uma opção pela transformação social, é o de transformar, no dia-a-dia, nossa prática pedagógica.

Paulo Freire, em toda a sua obra, mostra que o processo educativo, para ser libertador, deve encaminhar a reflexão e o diálogo sobre os problemas da realidade vivida. O diálogo em que se articula a reflexão e a ação constitui exigências metodológicas para superar o autoritarismo e a desvinculação entre teoria e prática, características da educação conservadora.

No fundo, a teoria de Paulo Freire explicita características fundamentais dos processos pedagógicos que os movimentos populares desenvolvem em suas lutas por libertação. É nos articulando com esses movimentos que, de um lado, poderemos nos reeducar e, por outro lado, contribuir efetivamente para a transformação libertadora de nossa sociedade.

Notas

- (1) O livro do prof. Walter E. GARCIA, *Educação: visão teórica e prática pedagógica*, S. Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1975, traz uma análise teórica sobre os fins, os meios, os agentes e os valores da educação. É um texto introdutório e importante para quem quiser aprofundar as colocações das questões que levantamos até aqui.
- (2) Um enfoque diferente e mais geral a respeito de três modos de se compreender a realidade (esquemas mentais) é colocado por João Batista LIBÂNIO, no primeiro volume da *Formação da Consciência Crítica*, Petrópolis, Vozes, 1978. Também F. SNYDERS traz uma abordagem semelhante do ponto de vista pedagógico, de modo especial em seu livro *Pedagogia Progressista*.
- (3) Para uma introdução à análise deste conceito, ver SANTOS, L. G., *Alienação e Capitalismo*, S. Paulo, Brasiliense, 1982.
- (4) Beatriz COSTA, “Para analisar uma prática de Educação Popular”, Cadernos de Educação Popular n.º 1, Petrópolis, Vozes, p. 43. Este artigo é de fundamental importância para ajudar a reflexão sobre o terceiro modelo de educação que comentamos na última parte deste trabalho.
- (5) Aqui tomamos o conceito de “liberal” de forma ampla. Algumas indicações sobre o liberalismo e suas formas de educação podem ser encontradas no texto de Luiz Antônio CUNHA, *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*, R. Janeiro, Francisco Alves, 1979, 4.ª edição, capítulo primeiro. Uma “Crítica da educação burguesa” é feita no 2.º capítulo do livro de Moacir GADOTTI, *Concepção Dialética da Educação*. S. Paulo, Cortez Editora, 1983. Aliás, este livro inteiro é fundamental para a reflexão sobre nosso tema.
- (6) Esta questão das relações capitalistas de produção foi tratada de muitas maneiras. O pensador que fez uma análise rigorosa do capitalismo foi, como todos sabem, Karl Marx. Para uma introdução à sua vida e obra, pode-se ler o livro de Leandro KONDER, *Marx - vida e obra*, R. Janeiro, Paz e Terra, 1981. Além desta obra, para estudos mais detidos, pode-se tomar a Coletânea de textos organizada por Otávio IANNI, *Karl Marx: Sociologia*, S. Paulo, Ática, 1982. A Editora Abril está publicando também uma excelente tradução de “O Capital”, na coleção “Os Economistas”.
- (7) A respeito de *classes populares*, ver texto de Luís Eduardo WANDERLEY, “Movimentos populares como movimentos políticos” in FLEURI, R. M., *Movimentos populares, religião e política*, que está sendo editado pela Ed. Loyola. A respeito de uma proposta de uma escola articulada com as classes populares, ver meu livrinho, *O Ciclo Básico da PUCSP - uma proposta inovadora?* S. Paulo, Loyola, 1982, último capítulo.
- (8) PEREIRA, W. C. C., *Dinâmicas de grupos populares*, Petrópolis, Vozes, 1982. Ver também artigo de Beatriz Costa, citado na nota 4.
- (9) Em minha Tese de Mestrado - *Consciência Crítica e Universidade*, S. Paulo, PUCSP, 1978, especialmente capítulo II, mostro que, segundo Paulo Freire, as exigências pedagógicas para a formação da consciência crítica são basicamente o diálogo e a práxis. Isto é, o processo pedagógico libertador se processa fundamentalmente como diálogo centrado nos problemas que emergem da práxis social e política.
- (10) FREIRE, Paulo, *A Pedagogia do Oprimido*, R. Janeiro, Paz e Terra, 1975, 3.ª ed., pág. 79.

EXTREMISTAS

Isidoro De Nadai

*Quaresma é tempo de reflexão e de conversão.
Mas nem por isso precisamos recorrer a imagens
infernais para nos renovar.*



Falando às senhoras do Apostolado, eu lhes pedia que não propagassem determinados livros que, à sombra de títulos bem suaves, pregam, na realidade, mais o terror do inferno do que a misericórdia do Coração de Jesus.

Procurei convênce-las de que o medo à condenação não é o meio mais eficaz de levar alguém à conversão e ao amor de Deus.

E não pensassem que eu estivesse adocicando o Evangelho, pois é o Senhor que define sua missão como missão de misericórdia e não de condenação. Ao indicar o motivo de sua vinda, Cristo diz: "Deus enviou seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele". Ao revelar seu método de ação, garante que "não quebrará a cana rachada, nem apagará a mecha que ainda fumega". E quando vê seus discípulos agindo de outra maneira, desautoriza-os, dizendo: "Não sabeis de que espírito sois".

Observei-lhes que, ao contrário do que se costuma dizer, já no Antigo Testamento Deus se defi-

ne como "o Deus lento para a cólera e pronto para o perdão".

Nesta perspectiva, quase como curiosidade, citei-lhes o pensamento de conhecido teólogo, segundo o qual o inferno talvez esteja vazio.

Como elas se assustassem e algumas delas protestassem com veemência, observei-lhes que o referido teólogo não se perfila entre os progressistas. Ao contrário, é reconhecido como conservador. Além disso, deviam saber que ele expressa esse pensamento ao receber das mãos do papa João Paulo II o Prêmio Internacional "Paulo VI" de Teologia.

De minha parte, nem sequer opinei sobre a hipótese. Aliás, nem sei bem como Von Balthasar compagina essa sua opinião com a existência do demônio, que ele certamente admite. Eu até diria as coisas de maneira um pouco diferente. Diria que o inferno não existe, pelo menos como se costuma imaginar, mas que a gente pode criá-lo, vivendo o desamor e a maldade.

Mas não era isso que eu pre-

tendia dizer hoje. Queria mesmo era falar do susto que levei quando, terminada a reunião, uma das participantes me disse, com ar de benevolência, que eu sempre escapulia das questões difíceis, que não dizia sim nem não, ou melhor, que dizia sim e não, ao mesmo tempo.

Assustei-me, porque me imaginava uma pessoa que quase sempre expõe sem ambigüidades o que pensa, mesmo quando se trata de pontos de vista polêmicos...

Fiquei, então, a pensar que as pessoas precisam de definições curtas e grossas, de idéias muito mais claras do que a própria realidade. Percebi que não nos agradam os matizes do real. Precisamos das simplificações. Pena que as simplificações são extremistas e que os extremismos são sempre ditatoriais e guerreiros!

Apesar de tudo, continuo pensando que, para crer no inferno, eu não preciso imaginá-lo como um lago de fogo, alimentado pelos demônios e repleto de pessoas de bem, embora sujeitas às fraquezas da natureza humana...

Nova quaresma, tempo de renovação

André Carbonera

O tempo da quaresma é útil para refletir, analisar o próprio comportamento e amadurecer como homem e como cristão.

Isso mesmo. Muita gente descansou. Passeou. Foi à praia, à serra. Falo "muita gente", para não dizer "quase todos..."

Realmente, o Brasil parou bastante, durante os meses de janeiro e fevereiro.

Com razão. Afinal, não somos de aço, ou de ferro...

Em todo o caso, as coisas voltaram para o seu devido lugar...

O país se encontra em novo ritmo. Há mais vida. Mais movimento. Mais trabalho. Mais estudo.

E também, o que é muito importante, há mais ORAÇÃO...

Achamo-nos em plena QUARESMA.

Queiramos ou não, percebe-se um clima diferente. Ah, sim! O pessoal está mais concentrado e mais preocupado com o interior, com o espiritual.

Aliás, todos nós precisamos fazer uma parada em nossa luta diária. E pensar. E refletir.

Muitos erros são repetidos, por falta de percepção...

De fato. Movimentamo-nos. Sentamos. Levantamos. Corremos. Batalhamos.

E pouco raciocinamos... Daí, as falhas... as quedas...

Como é oportuno o tempo quaresmal!

Então, a gente medita. Ora. Reflexiona. Pondera.

A vida já é uma penitência, sem dúvida...

Entretanto, na QUARESMA, procuramos acrescentar uma penitênciazinha a mais...

Destarte, vamos nos purificando e mais nos aproximando do Criador.

Quem de nós não possui erros?... Xiii!... Se todos pudessem ler nosso íntimo!... Pela madrugada!... Ainda bem que não!...

Por isso e por outras, a QUARESMA está aí... Ela nos conclama. Ela nos impulsiona. Ela nos toca.

Não podemos permanecer inertes, dando milho aos pombos...

Urge mudar. Melhorar. Crescer espiritualmente.

QUARESMA não é falsidade... QUARESMA é VERDADE...

Quaresma é instrução. Conhecimento. Aprimoramento.

Quaresma é conversão. Mudança. Quaresma é diminuir os pecados.

Quaresma é olhar mais para o "outro..."

Quaresma é abertura para o co-irmão.

Esta QUARESMA não pode ser igual às demais... Deve ser MELHOR... Convém aproveitar o tempo.

Quem nos garante uma NOVA QUARESMA?!... Talvez seja a última...

Se quisermos, tudo ficará um pouquinho melhor e mais humano e mais cristão.

Não me diga que você ficará na mesma?!... Cuidado! Abramos os olhos...

E feliz QUARESMA, meu amigo e meu irmão!...

Fui.

SIM, EU TAMBÉM VOU SER PADRE



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 63-7489
04207 - São Paulo, SP

ANÁLISE DE NOTÍCIA

Carlos Alberto de Almeida

É preciso lutar para que a comunicação seja instrumento de utilidade pública, exercida com responsabilidade social e controlada pela população através de suas entidades mais representativas.

O *Jornal Nacional* noticiou, tempos atrás, a apreensão do remédio de nome Energisan e vários outros similares. Segundo o Ministério da Saúde, esses “remédios” contêm uma combinação de substâncias químicas que pode causar a morte, muito embora a sua publicidade os faça geradores de vida, de energia, de felicidade; enfim, todas essas mentiras que é permitido veicular pelos meios de comunicação sem qualquer prestação de contas.

Mais uma vez, aliás, como de costume, o *Jornal Nacional* perdeu uma boa oportunidade para informar e para demonstrar a transcendência social da informação. Bastava que o repórter fizesse algumas indagações que fazem parte, diga-se de passagem, do chamado beabá do jornalismo, mesmo daquele jornalismo alienado e descomprometido com a vida, que é ensinado na maioria de nossas Escolas de Comunicação. Por exemplo: Por que somente agora a alta periculosidade do “medicamento” foi descoberta? Como foi possível a permissão de sua comercialização pelo Ministério da Saúde? Durante quanto tempo foi comercializado? Quantos foram produzidos e quantos vendidos? Quantas vítimas poderá ter causado? Assim como o Energisan e seus similares foram liberados antes, não será possível que outros “medicamentos assassinos” estejam sendo livremente comercializados neste exato momento?

Obviamente, a informação numa sociedade de mercado depende de quem paga. E as multinacionais farmacêuticas são ótimos patrocinadores. Claro, controlam cerca de 99%

do setor. Em função disso, para cá direcionam um sem número de “medicamentos”, inclusive vários dos quais com a sua comercialização proibida em outros países, pois já está comprovada a sua periculosidade. Não seria — o monopólio do setor farmacêutico pelas multinacionais — uma questão de segurança nacional? (Aqui nos referimos à verdadeira

questão de segurança nacional, ou seja, a saúde da população.) Pode-se entender facilmente por que o melhor é não informar, é não ir a fundo na notícia. Assim como também se pode concluir perfeitamente que, se alguém morreu ou vier a morrer por ter ingerido um desses “medicamentos” tão sofisticadamente propagandeados pelos meios de comunicação de massa, parte da responsabilidade recai sobre a própria comunicação que soube induzir, fantasiar a necessidade de consumo, reforçá-la com seus filmes coloridos. E soube silenciar quando era mais conveniente. Não há dúvida. É cúmplice.

Este episódio é apenas mais um motivo para reforçar a luta para que a comunicação seja instrumento de utilidade pública, exercida com responsabilidade social. Para isso, é necessário que os meios de informação estejam fora do controle privado e que sejam, como um bem público, controlados pela população através de suas entidades mais representativas. •

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. O grupo assiste a um telejornal.
 2. Tarefas a serem distribuídas aos membros do grupo:
 - a) algumas pessoas (subgrupo 1) tomarão nota do conteúdo das notícias;
 - b) algumas pessoas (subgrupo 2) contarão os segundos ou minutos dedicados a cada notícia;
 - c) algumas pessoas (subgrupo 3) estudarão as relações das notícias apresentadas com os problemas vividos pelos membros do grupo e a classe social que representam.
 3. Após o telejornal, os dados colhidos serão colocados em debate:
 - 1ª parte do debate: todos os membros do grupo procurarão recordar as notícias vistas, organizando, se possível, uma listagem pela ordem em que foram apresentadas.
A listagem de cada um será comparada com a lista preparada pelo subgrupo 1.
 - 2ª parte do debate: o subgrupo 2 colocará na lousa o resultado de suas observações sobre o tempo destinado a cada notícia. A seguir, o grupo fará sua análise sobre a tendência manifestada pelos editores do telejornal ao destinar mais ou menos tempo a determinados assuntos.
 - 3ª parte do debate: o subgrupo 3, que estudou as relações entre as notícias e os problemas vividos pelo povo, fará uso do mesmo quadro preparado pelo subgrupo 2 para comparar o que foi mostrado com o que interessaria ao grupo que fosse mostrado.
- O grupo poderá ainda perguntar-se:
— O que tem o noticiário a ver com seu trabalho?
(“Para uma leitura crítica da televisão” - Ed. Paulinas).

Testemunho:

MÁRTIRES LATINO-AMERICANOS DO NOSSO SÉCULO

Breves dados das vidas de cristãos latino-americanos que, neste século, procuraram viver em comunhão profunda com a vida de seu povo e por ele doaram suas vidas. São mártires porque se puseram a serviço de seus irmãos, no amor e na justiça.

Estes dados resumidos sobre os mártires latino-americanos foram extraídos do livro "Sangue pelo Povo", da Editora Vozes. E este trabalho de lenta e paciente compilação foi empreendido por diversos centros de publicação e documentação em vários países da América Latina.

1 de fevereiro de 1977

DANIEL ESQUIVEL

Argentina

Leigo paraguaio de 31 anos. Membro da JOC no seu país e da Equipe de Pastoral de Paraguaio, em Buenos Aires, onde vivia numa "villa miseria"* desde 1970, como milhares de compatriotas imigrantes. Desapareceu de madrugada quando vários carros cercaram seu casebre, deles descendo homens armados e, depois de o espancarem, levaram-no. Todas as diligências efetuadas pelo bispo, por sacerdotes e familiares foram inúteis. Queria ser sacerdote sem deixar de ser operário, mas não foi aceito por não ter sequer concluído os estudos primários.

**Villa miseria*: população marginalizada de moradias muito precárias, de madeira e lata. Seus habitantes se chamam *villeros*.

2 de fevereiro de 1976

**JOSÉ TEDESCHI,
"PEPE" - Argentina**

Sacerdote operário. Morava em Villa Itati, Bernal, "villa miseria" dos arredores de Buenos Aires. Sequestrado por um grupo de civis armados. Ao serem informados de seu desaparecimento, seus amigos sacerdotes da diocese de Acellaneda, à qual pertencia, denunciaram o fato, temendo pela sua vida. Seu corpo apareceu, dias depois, com incontáveis ferimentos de balas, olhos arrancados das órbitas e outros sinais de torturas brutais. Pepe trabalhava numa oficina de carpintaria e sua casa era um barraco de papelão e lata que servia de abrigo, capela e local de encontros para seus irmãos "villeros", de cuja vida compartilhava. Promotor de uma cooperativa de consumo e de todas as obras sociais em benefício do bairro, dedicava-se, com especial empenho, a solucionar os problemas de documentação dos imigrantes vindos dos países vizinhos:

paraguaio e boliviano. "Pepe" pertencera ao Movimento de Sacerdotes do Terceiro Mundo.

4 de fevereiro de 1979

BENJAMIM DIDINCUÉ
Colômbia

Índigena, ex-governador de Huila, Tierradentro, na Colômbia, e vice-presidente do Conselho Regional Índigena de Cauca (CRIC), durante três anos. Assassinado em sua casa por capangas contratados pelos latifundiários apoiados pelo exército. Como governador indígena, seguindo a política tradicional de seus antepassados, Didincué preocupava-se em salvaguardar o território indígena, estimulando seus companheiros a proteger eficientemente as fronteiras. Como dirigente do CRIC, lutou para introduzi-lo nas comunidades, enfrentando, valentemente, aqueles que agiam como inimigos do povo.

13 de fevereiro de 1982

SANTIAGO MILLER
Guatemala

Religioso norte-americano de 36 anos, mártir da Igreja guatemalteca. Membro da Congregação dos Irmãos de La Salle, foi assassinado por quatro homens mascarados que passaram num veículo não identificado e dispararam tiros que o atingiram quando estava consertando uma janela do instituto. Fazia apenas um ano que Santiago tinha deixado sua terra, em Wisconsin, e sua família, para servir ao povo indígena de Huehuetenango como professor do Colégio de La Salle e do Instituto Indigenista. O Comitê Pró-Justiça e Paz atribuiu ao governo o assassinato do Irmão Santiago, no conjunto dos atos da repressão contra a Igreja, pela sua identificação com o povo oprimido. Conclamou o povo dos Estados Unidos para que pressionasse seu governo e este reconsiderasse sua política de ajuda militar e econômica à Guatemala, e convidou os cristãos a refletirem sobre o comunicado da Conferência Episcopal de 30/1: "Nossa fé nos ensina que, quando sofremos perseguição, calúnia, ameaças e até mesmo a morte pela causa da justiça, estamos participando mais plena-

mente do mistério pascal de Cristo, de sua cruz e ressurreição...”

15 de fevereiro de 1966

CAMILO TORRES Colômbia

Sacerdote de 37 anos. Morto num confronto com o exército ao empunhar sua primeira arma, como membro do Exército de Libertação Nacional e enquanto tentava auxiliar um companheiro ferido. De uma família da alta burguesia, universitário e tendo obtido seu doutorado em Lovaina, regressou a Bogotá e logo se tornou professor e capelão da Universidade Nacional, enquanto colaborava na fundação da Faculdade de Sociologia e era técnico do programa de Reforma Agrária. A maior parte de sua missão desenvolveu-se na universidade. Camilo foi líder — nunca demagogo — de estudantes e professores jovens, de todos aqueles que intuitivamente buscavam uma transformação das estruturas de opressão. Viajava por todo o seu país e ia descobrindo a miséria de seu povo. Mas, além do cientista e do político que Camilo era, estava o sacerdote, de profunda fé, cujas opções eram feitas a partir desta. Também na opção última e decisiva, quando interrompia, temporariamente, seu ministério sacerdotal, era conseqüente com o radicalismo que o Evangelho exigia de sua consciência.

15 de fevereiro de 1976

FRANCISCO SOARES Argentina

Sacerdote de origem brasileira. Exerceu seu ministério na Argentina muitos anos antes. Nos últimos dias trabalhava na “villa miseria” de Carupá, província de Buenos Aires. Foi assassinado juntamente com seu irmão inválido. Francisco morreu instantaneamente. Seu irmão alguns dias depois. Pouco antes de sua morte, Francisco tinha denunciado o assassinato de uma senhora, catequista, na sua paróquia, e esposa de um operário. Foi encontrada morta com o corpo ensanguentado e um seio decepado. Francisco pertencera ao Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo.

15 de fevereiro de 1981

JUAN ALONSO HERNÁNDEZ Guatemala

Sacerdote espanhol da Congregação do Sagrado Coração, assassinado quando viajava de motocicleta entre Uspantán e Cunén, na região de El Quiché. Seis homens mascarados e armados dispararam-lhe três balas na cabeça e jogaram seu corpo e a motocicleta num barranco. Trabalhara 17 anos em El Petén e chegara, poucos dias antes, a El Quiché.

16 de fevereiro de 1981

ALBINO AMARILIA Paraguai

Líder camponês e catequista paraguaio de San Juan Nepomuceno, em Caazapá, tinha 41 anos e era pai de nove filhos. Foi assassinado por um tenente do exército e um grupo de soldados que, à meia-noite, o chamaram à porta de seu rancho. Quando Albino saiu, dispararam-lhe vários tiros à queima-roupa, deixando-o ferido no chão. Exigiram que a esposa lhes entregasse os documentos dele. Ela trouxe a carteira de identidade e as conclusões de Puebla. Albino foi arrastado até um veículo. Ela seguiu-lhes a trilha com um filho de 12 anos de idade. De madrugada chegou ao povoado vizinho. As autoridades locais negaram-lhe qualquer informação. Mais tarde, o comissário do distrito entregou-lhe um caixão com o cadáver do esposo e a ordem de não abri-lo. Ela abriu-o, porém, e descobriu as marcas das torturas e as feridas (algumas “ligadas com fios de serapilheira”) a que Albino foi submetido. Sem antecedentes policiais, seu delito tinha sido o de denunciar à polícia a violação de uma de suas filhas, uma adolescente anormal de 17 anos, por parte de um funcionário policial. A denúncia não foi registrada e acusaram Albino de ser um comunista atuante. Seus companheiros lavradores declararam, no entanto, que trabalhava com os outros diariamente na chácara, e “era professor de catecismo e evangelizador”. Sua morte fez crescer-lhe a imagem. O bispo denunciou ao Estado Maior do Exército o assassinato de Albino, mártir dos camponeses.

20 de fevereiro de 1974

DOMINGOS LAÍN Colômbia

Sacerdote nascido em Aragão, na Espanha, em 1942. Chegou a Bogotá, na Colômbia, decidido a trabalhar com os pobres. Tornou-se operário numa fábrica de ladrilhos, no bairro de Meissen. Depois de compartilhar, durante dois anos, a vida dos explorados, foi designado pelo bispo para uma paróquia em Cartagena. Sua casa era uma palhoça de cana-brava e palha, como a dos habitantes do bairro. Começou a despertar a consciência dos marginalizados e criou conflitos com a administração injusta de uma fábrica e com as autoridades de Cartagena por tentar impedir a expropriação das terras habitadas por seus vizinhos. Tudo isso obrigou-o a voltar para Bogotá. Vinculou-se, aí, ao movimento sacerdotal de Golconda. Percebeu, logo, as limitações do grupo e incorporou-se a outro, menor, para averiguar a possibilidade de integrar-se à guerrilha, como única alternativa válida para a libertação do povo colombiano. Foi deportado em 1969, devido a uma denúncia. Em 1970 entrou clandestinamente na Colômbia, incorporando-se, definitivamente, ao Exército de Libertação Nacional, onde morreu em combate.

25 de fevereiro de 1982

TUCAPEL JIMÉNEZ Chile

Dirigente sindical de 60 anos. Mártir das lutas dos trabalhadores chilenos. Apareceu assassinado dentro de seu carro, numa rua de Santiago, precisamente quando estava realizando um importante trabalho de conscientização e unidade entre os vários sindicatos. Fundador e secretário-geral da Associação Nacional de Empregados Fiscais (ANEF), Tucapel foi amplamente conhecido através de seus 30 anos de militância sindical. Pobre, honesto, moderado, disposto sempre a solidarizar-se com todos os atos que visassem a defesa dos direitos humanos e, especialmente, dos direitos dos trabalhadores, Tucapel relacionou-se e colaborou com o Vicariato da Solidariedade.

"A Encantada" da rua do Encanto

No final das férias, quase todas nós temos novidades para contar. Com você não é assim? A novidade que tenho para contar, fica em Petrópolis, Estado do Rio, cidade dos grandiosos Museus Imperiais e Palácios. Descobri um minimuseu que talvez você não conheça e que vale a pena visitar. (Eu me encantei pela ENCANTADA da rua do Encanto.)

É uma casa graciosa, no feitiço de chalé, construída por Santos Dumond, que a apelidou de "A ENCANTADA". Fica num ponto alto, podendo ser vista de longe.

Mas, o bom mesmo é ver de perto, bisbilhotando os detalhes até a dedicatória do retrato de uma linda jovem que foi o grande amor da sua vida e que morreu jovem.

O seu amor pelo local começou assim: Ele ia muitas vezes a Petrópolis e se hospedava no Palace Hotel (que ainda existe), que dá frente para um terreno íngreme e todo plantado de touceiras de bambus.

Olhando para aquele terreno absolutamente impossível de ser "domado" por construtores normais e rotineiros, ele deve ter sentido, mais uma vez, o desafio das coisas difíceis. Desafio esse que sempre existiu em seu sangue de inventor.

O que para as outras pessoas parecia inatingível, ele transformava, através do seu trabalho e grande fé. Acreditava que poderia fazer qualquer coisa que Deus lhe inspirasse. E FEZ UM LINDO CHALEZINHO, EM PETRÓPOLIS, E O PRIMEIRO AVIÃO DO MUNDO!!!

Hoje, no meio da mesma ribanceira está a ENCANTADA que abriga o MINIMUSEU ESCOLA ALBERTO SANTOS DUMOND. Mais uma vez ele conseguiu fazer uma bela construção sobre um terreno impos-



sível. A ribanceira continua a mesma, hoje, com o engraçado chalé plantado no centro e rodeado pelas touceiras de bambu.

Para os detalhes da construção, o próprio Santos Dumond idealizou e esboçou o plano que entregou ao arquiteto Dr. E. V. Pederneiras. O plano de Santos Dumond foi seguido na íntegra. A casa não tem paredes internas!!! As divisões, escadarias e palanques são feitos por meio do

aproveitamento das irregularidades naturais do solo.

Embaixo, no plano mais fundo, foi instalada uma oficina para pequenos trabalhos e passa-tempo.

No segundo plano, fica a sala de visitas e a biblioteca.

No terceiro pavimento: quarto e banheiro. Idealizado para a época, o banheiro é admirável e atualizado! Tem, fixados no teto, dois baldes acionados por dois cordões grossos que fecham e abrem a água e o sistema de aquecimento a álcool.

Do alto do chalé, um mirante permite a visão de uma paisagem deslumbrante. Dali o grande inventor aproveitava para estudar astronomia, com sua possante luneta. Havia também um mastro onde era hasteada a bandeira nacional, sempre que ele chegava à cidade.

Ele era mineiro, nasceu no dia 20-7-1873, em Cabangu, depois cidade de Palmira. Hoje cidade Santos Dumond.

A cobertura da casa é de folhas de flandres, vindas da Europa. Até hoje os arquitetos ficam admirados com a grande criatividade do inventor: A casa se assemelha aos apartamentos "quitinete" das construções modernas.

Ele veio a falecer em Santos-Guarujá, SP, aos 23-7-1932. Cumprindo sua vontade, os familiares fizeram doação do chalé e de todo o terreno à Prefeitura Municipal de Petrópolis, para que ali funcionasse uma escola para atender às crianças pobres. O que foi concretizado e funciona desde 1956. E numa placa existente na "A ENCANTADA", comemorando o centenário de Santos Dumond (1873 - 1973), lemos os seguintes dizeres:

*"DO SONHO À REALIDADE,
DOMINOU OS ESPAÇOS, ABRIU
UMA NOVA ERA PARA A
HISTÓRIA DE TODOS OS
POVOS E, NESTA CASA, VIVEU
OS ÚLTIMOS CLARÕES
DE SUA GLÓRIA"*

RECEITAS QUE EXPERIMENTEI DURANTE AS FÉRIAS

Doce de coco da Diva - Curitiba

1 coco ralado com a casca
3 xícaras de açúcar
3 ovos.

Mexa sobre fogo brando, até dar o ponto de massa dura (quando aparece o fundo da panela). Deixe esfriar e forme trouxinhas, como gotas.

Limonada que rende

1 1/2 limão de casca fina
1 litro de água gelada
Açúcar ao paladar.

Lave muito bem os limões, retire as sementes, pique e passe no liquidificador. Se gostar mais amargo, use 2 limões. Depois de batido, coe numa peneira fina. Experimente o sabor diferente da limonada.



Néctar de mamão

500 g de mamão maduro
350 g de água
100 g de açúcar.

Bata no liquidificador e

Bananas em geléia Izinha

6 bananas d'água, maduras, com casca e bem lavadas
1 1/2 xícara de açúcar.

Coloque as bananas sem descascar numa panela com água, que cubra, e sobre uns 2 e 3 centímetros. Deixe ferver sobre fogo brando durante uma hora. Se a água secar, junte mais um pouquinho. Escorra numa peneira fina sem apertar. Jogue fora as bananas. Leve a água do cozimento ao fogo, juntando o açúcar. Deixe no fogo até tomar ponto de geléia. Não deixe apertar muito o ponto porque, ao esfriar, endurece bastante. Fica muito gostosa e de um colorido vermelho vivo. Vale mesmo a pena!!! Mande dizer o resultado.

passa pela peneira. Para conservar: Leve ao fogo, sem deixar ferver. Engarrafado e deixe as garrafas em banho-maria, também sem ferver a água.

Nota: Receita divulgada pela Secretaria de Cultura.

Gosto de óleo de oliva

Ponha óleo comum dentro de um vidro (Óleo de Milho, de preferência). Jogue dentro caroços de azeitonas, depois que forem picadas para salada, ou sanduíche. Conserve tampado por alguns dias (ou mais tempo). Ele se transforma num gostinho muito especial. Experimente!



Panqueca

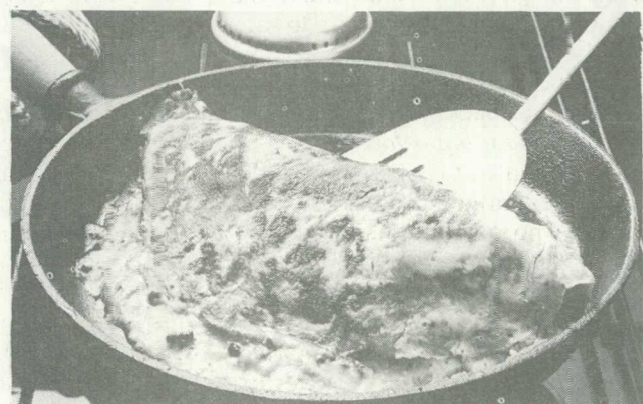
2 xícaras de farinha de trigo
3 colherinhas de fermento
1 1/2 colherinha de sal
1 colherinha de açúcar
3 colheres de óleo vegetal
2 ovos
2 xícaras de leite.

Coloque no liquidificador os ovos e o leite. Bata bem, depois junte a farinha peneirada com o fermento, sal e açúcar. Bata até ficar bem lisa. Por último, bata com o óleo. Um dos requisitos desta massa é que seja muito bem bati-

da. Deixe repousar por algumas horas, para obter panquecas fofinhas e deliciosas. Faça com habitualmente.

Panquecas diferentes

Faça variações com esta massa de panqueca, e receba elogios calorosos. Prepare molhos novidades, como maionese misturada com presunto ou galinha desfiada. Empilhe-as abertas, colocando o recheio entre as camadas. Fica como um bolo.



Massa de pizza Da Izinha - Jacarepaguá

1 xícara de farinha
1 colher de azeite
Sal ao paladar
Água gelada até soltar das mãos.

Patê de berinjela

Use quantas berinjelas desejar. Assa diretamente

sobre o fogo, espetando com um garfo, até queimar toda a casca. Embrulhe num jornal até esfriar. retire a casca. Bata no liquidificador, juntando sal-sinha, cebolinha verde, sal, páprica, alho, ajinomoto, etc. Junte maionese, se gostar. Conserve na geladeira e sirva o patê bem geladinho sobre torradas de pão.

Alcoolismo: as desvantagens do rótulo "doença"

Donald Lazo

No alcoolismo, o alcoólatra é o terapeuta principal, participando ativamente de sua recuperação integral, não bastando somente a medicação prescrita pelo médico que auxilia na reabilitação das conseqüências físicas produzidas pelo álcool.

No meu último artigo, eu disse que grandes vantagens resultaram do fato de o alcoolismo ser cada vez mais aceito como uma doença e não um pecado ou uma vergonha. É muito mais lógico e humano tratar um dependente de uma droga do que puni-lo, mormente no caso de uma droga que não somente não é proibida pela sociedade, mas é aceita por ela e até quase imposta.

No entanto, taxar um alcoólatra de doente tem grandes desvantagens também, porque "doença" tem certas implicações que não se aplicam bem ao alcoolismo. Muitas vezes, o alcoólatra se aproveita da confusão para continuar bebendo ou, na melhor das hipóteses, para não se esforçar muito na sua recuperação.

Como mencionei no artigo anterior, uma das implicações infelizes é que, como doença, o alcoolismo deve ser tratado por médicos. É ao médico, com suas técnicas e seus medicamentos modernos, que olhamos para efetuar a recuperação do alcoólatra. Ora, não discuto que haja um papel importante para o médico no diagnóstico e tratamento das conseqüências físicas do alcoolismo (se bem que muito poucas escolas de medicina — muito poucas mesmo — habilitam os

médicos para diagnosticar e, muito menos, para tratar o alcoolismo). Mas é um engano achar que um médico, ou qualquer outra pessoa, pode recuperar um alcoólatra sem a participação total do alcoólatra. A nenhum alcoólatra deve ser permitido nutrir esta ilusão.

O conceito de doença pode criar a falsa impressão, também, de que o alcoolismo pode ser tratado com pílulas (como o é em centenas de clínicas psiquiátricas no mundo inteiro). Vivemos na época das chamadas "drogas miraculosas". A toda hora, na televisão, somos assaltados por reclames promovendo pílulas que instantaneamente curam tais males como dores de cabeça, dores musculares, angústia, nervosismo, insônia, etc. Estamos condicionados a pensar que, para cada moléstia, deve haver uma solução rápida.

Pouco se fala nas moléstias que têm recuperação, mas uma recuperação lenta e que requer muito esforço *por parte do doente*. Por exemplo, com terapia física, muitas vítimas de acidentes automobilísticos, aparentemente paralisadas e sem esperança, acabam aprendendo a andar de novo. Mas, nestes casos, a vítima tomou parte ativa na sua reabilitação. Para que sua reabilitação fosse bem-sucedida, a vítima foi obrigada a fazer horas de terapia física diariamente, às vezes durante anos.

O alcoolismo é esse tipo de doença. É uma doença crônica e, falando em termos médicos, doenças crônicas não podem ser "curadas" — apenas controladas. Esse controle pode incluir tratamentos específicos, em hospitais e com drogas. Mas sempre têm algo mais, e sempre se requer a cooperação do doente.

Considere o exemplo da diabetes: pode-se prescrever a insulina, mas isso nunca basta. Um nutricionista terá que elaborar uma dieta especial

para o doente. Provavelmente ensinarão ao paciente como verificar sua urina. É bem possível que o diabético também tenha que fazer algumas mudanças na sua rotina de vida. Em outras palavras, a pessoa com uma doença crônica não é o recipiente passivo de um tratamento médico. A vítima de uma doença crônica precisa tornar-se um colaborador ativo do médico, assumindo uma grande parcela da responsabilidade pela contenção de sua moléstia.

No caso do alcoolismo, também, essa colaboração é imprescindível. Só que os exercícios que o alcoólatra tem que fazer não são exercícios físicos. São exercícios espirituais. De fato, primeiro terá de parar de beber, e às vezes isso requer ajuda médica e medicamentos para evitar os perigos maiores da síndrome de abstinência (tremores e alucinações não são perigosos mas as convulsões e o *delirium tremens* o são). Porém, a parte mais difícil do tratamento — e mais prolongada, pois dura o resto da vida — não é parar de beber. É *não voltar a beber*. E para que não seja tentado a voltar a beber, o alcoólatra precisa fazer seus exercícios espirituais. Terá que trabalhar para desinflar seu orgulho e desenvolver sua humildade. Terá que fazer uma introspecção destemida, analisando-se honestamente para descobrir seus principais defeitos e tentar controlá-los no futuro. Deverá tentar aproxima-se de Deus e dedicar pelo menos uma parcela de sua vida aos outros.

Para que sua recuperação seja bem-sucedida e completa, quer dizer, para que o alcoólatra se torne uma pessoa feliz e útil à sociedade, ele terá que dedicar semanas, meses e anos à sua terapia espiritual.

Caso contrário, será o que chamamos um "bêbado seco", um alcoólatra que apenas parou de beber, mas que continua com todos os demais sintomas do alcoolismo: o nervosismo, a irritabilidade, a prepotência, a angústia, o orgulho, a insônia. Como aqueles alcoólatras que chegam a um centro de tratamento e dizem: "Aqui estou. Eu vim para ser curado. Portanto, curem-me!" Essas pessoas não entenderam que o alcoolismo é uma doença d'ferente, na qual o alcoólatra é o terapeuta principal, participando ativamente de sua recuperação integral. •

A MAIS BELA, E POUCO VIVIDA, DAS ORAÇÕES

Nilson Cordoni

Existe no mundo cristão a mais bela, a mais perfeita, a mais pronunciada e talvez a menos vivida das orações, por nós. Que falta de fé a nossa, muitas vezes! Temos uma riqueza imensa, uma promessa fantástica do Senhor, e não vivemos plenamente o que nosso coração quer dizer quando a pronunciamos.

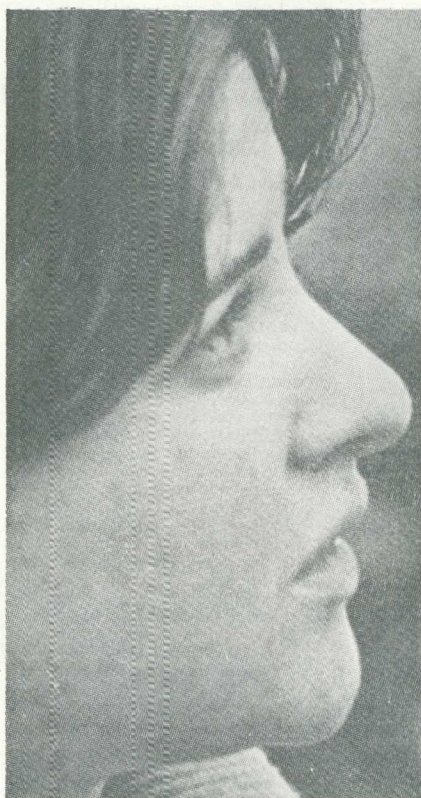
Cristo, o enviado do Pai, em meio à fraqueza humana, dá-nos a grande oportunidade de nos dirigirmos ao Pai, como filhos. Já meditamos na grandeza de suas palavras: "Quando orardes, dizei: Pai nosso..."? Já pensamos em nossa irreverência quando falamos, ou melhor, quando tomamos a liberdade de nos dirigirmos ao Pai através desta oração?

Vamos fazer uma pequena meditação sobre a mais bela das orações? Vamos vivê-la mais conscientemente? Que o Senhor nos ilumine, através de seu Espírito Santo, para fazê-la plenamente.

Pai nosso que estais no céu: Você reza assim e crê realmente que tem um Pai no céu, ou nem reza e nem crê? Olhe, amigo, saber que temos um Pai que vela por nós, que nos ampara na condição de filhos, é muita coisa para pequenas criaturas como nós. Mas crer nesse Pai, saber que Ele existe e contar com Ele sempre, é outra coisa muito superior, não acha?

Santificado seja o vosso nome: Como é bom e gratificante sabermos que somos amados! Todas as pessoas a nos chamar pelo nosso nome. É apenas uma pequena comparação humana em relação ao santo nome do Pai. Ele quer que seu nome seja lembrado e santificado por nós. Não o digamos em vão, pois.

Venha a nós o vosso reino: Estamos apenas de passagem por aqui. Nada mais nos resta senão que o reino do Pai, que desde toda a eternidade nos está reservado, venha e per-



mança para sempre entre nós. Mas será que este reino é tão desejado por nós, ou nem cogitamos em desejá-lo por ignorarmos sua magnitude e felicidade eterna?

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu: Nós sempre queremos a melhor. Ai dos que não nos querem bem, não nos amam e não nos fazem aquilo que queremos. Pura vaidade humana e muita mesquizez nossa. Muito bem, assim o Pai, que tanto nos quer bem, tanto nos ajuda, quer que façamos ao menos em parte a sua vontade. Veja, o Pai não é exigente. O que será esta vontade do Pai? Você que faz o bem, tem vida exemplar, é muito considerado em seu serviço pelo modo honesto e genti de trabalhar e tratar os companheiros, quer, por acaso, que o zombem, o molestem e até o ironizem? Não, não é mesmo? É mais

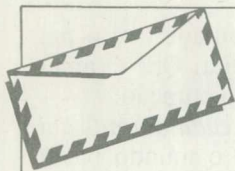
ou menos esta a vontade que o pai quer que lhe seja feita. Que O amemos de todo o nosso coração.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje: Sabemos que o mundo passa fome material. Sabemos que o homem nutrido vive melhor, trabalha mais e mais alegre. Mas sabemos também que os nossos irmãos em toda parte estão passando fome e muita fome. Chegam a morrer de fome, de falta de nutrição. Que coisa horrível, exclamamos! Muitas vezes queremos que o Pai nos dê o pão de cada dia para nós, apenas. E os nossos irmãos podem morrer de fome? É o pão para todos, sem distinção de raça, cor ou posição social, que devemos pedir diariamente ao Pai. E Ele nos dará, sem hesitar. Peçamos, pois, ao Pai que não nos deixe faltar o pão, alimento material para nossas forças, e o pão eucarístico, alimento para nossa escalada rumo ao eterno.

Perdoai nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido: Nós somos inteligentes. Recebemos do Pai um grande carinho: Ele nos deu os dons da inteligência, da sabedoria, da vontade e também da temperança. Distinguímos perfeitamente o bem do mal. Mas quantas vezes espezinhamos e anquilamos nosso irmão que está ao nosso lado. Não o perdoamos, e quase sempre por sua vaidade e rancor. Mas queremos que o Pai nos dê o pão para cada dia, que perdoe nossas ofensas. Somente o Pai a nos perdoar e nós odiando e maltratando nossos irmãos, filhos do mesmo Pai. Filhos bons que somos nós!

E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal: Seria muito bom que todos os homens se amassem deveras, ao menos em respeito à vontade do Pai. Seria vivificante encontrar a paz em todos os lares, em todos os locais de trabalho, em todos os corações. Que a inveja não seja ponto de apoio para crescimento profissional. É esta a vontade do Pai. Então quando Lhe pedimos que nos livre das tentações, queremos dizer que vivemos em harmonia e muita paz com todos. Que as tentações do dinheiro, da falta de perdão de nossa parte, dos desejos das coisas alheias, enfim, as tentações do mundo que nos cerca, não nos afastem do Pai.

Amém!



Cartas

"Jesus menino, os meninos estão sofrendo!"

"Como zeladora da Revista "Ave Maria" aqui em Araxá, quero fazer o meu ato de desagravo às nossas queridas Irmãs Franciscanas do Lar Santa Terezinha... Todos nós aqui em Araxá conhecemos e estimamos as Irmãs do Lar. São mães espirituais que dão a vida por estas crianças que elas acolhem com carinho... Irmã Imaculada, que é hoje a Irmã Superiora do Lar, é dedicadíssima às crianças e jovens, não só do Lar como também em todas as necessidades da paróquia como: catequese, promoção humana, etc., e atende a todos com muita delicadeza... As Irmãs só deixavam as meninas com pessoas de muita confiança delas, mas eram tratadas como as filhas dos fazendeiros, ou melhor, sitiantes. Falo isto porque meus irmãos são destes sitiantes do tempo de Isabel aqui no Lar e levavam algumas meninas para passar férias no sítio. Eu que tenho muito carinho com a Revista "Ave Maria" fiquei muito triste, pois eu aprendi a gostar desta Revista com as Irmãs Franciscanas. Eu morava no sítio e elas me mandavam as revistas e me falavam sobre a necessidade da boa leitura... Acho que fizeram uma injustiça com as nossas Irmãs que prestam um grande apostolado na nossa comunidade".

Diva Ribeiro Lemos - Araxá, MG

"Sempre leio a Revista desde que era seminarista, hoje como vigário procuro lê-la para melhor desenvolver a minha pastoral... Desta vez qual não foi a minha surpresa, pois encontrei uma história que não é bonita. Quanto aos fazendeiros, não os conheço, mas uma coisa eu, como sacerdote, sei: eles sempre são pessoas piedosas e tementes a Deus. Como todo bom mineiro, sempre procuram ser cristãos verdadeiros... A Irmã Imaculada, que é uma pessoa querida em nossa cidade, todos a admiram e a amam pela sua dedicação ao seu trabalho. As Irmãs que lá vivem procuram dar o que há de melhor às meninas que lá vão procurar um pouco de carinho. Não existe em nossa cidade quem não a conheça e a ame, pois é uma pessoa humana e preocupada com todos... Caros amigos, não quero dizer que está certo ou errado, mas uma coisa sei: que a Revista jamais poderia ter soltado uma reportagem sem antes procurar as fontes certas e averiguar se realmente o fato aconteceu... Tenho certeza de que coisas assim não acontecerão mais".

Pe. Luiz Carlos - Araxá, MG

"Escrevo esta carta não para justificar as Irmãs que dirigem essa casa de caridade perante a minha terra, porque somos testemunhas oculares do trabalho sobre-humano dessas freiras que conseguem a duras penas vencer a crise financeira, o descaso, o comodismo e proporcionar o melhor que podem às meninas que estão sob seus cuidados. As irmãs do Lar Santa Terezinha são heroínas e cuidam das meninas com o carinho de mãe e com o coração de cristãs que optaram pela pobreza. A autora do artigo "Jesus menino, os meninos estão sofrendo!", foi muito infeliz em escrever sem apoiar-se em fatos, pesquisas no local. Seria muito oportuno que Ana Valim viesse a Araxá e comprovasse o trabalho de caridade que se faz aqui. Temos o Lar Santa Terezinha, o Lactário, a Creche de Nazaré, o Asilo São Vicente, a Casa do Menor, inúmeras casas de sopa, o SOS, o gigante que vence a crise, vários grupos religiosos, grupos de serviço, todos com o mesmo objetivo: minorar os sofrimentos dos nossos irmãos".

Vera Coelho Santos - Araxá, MG

"O motivo desta é externar o nosso mais veemente protesto pela maneira com que Ana Aparecida Valim escreveu sobre o "Lar Santa Terezinha", Casa Assistencial de Araxá.

Trata-se de um artigo com o título "Jesus menino, os meninos estão sofrendo", que apresenta uma série de denúncias sobre o Orfanato de Araxá, dirigido pelas Irmãs Franciscanas... Por que não houve por parte da articulista a preocupação de comprovar a veracidade dos fatos narrados? Seria uma atitude cristã, uma pessoa criticar de forma tão descabida Irmãs que dedicam a vida para educar filhos de outros, que não puderam assumir a condição de pais?... Estamos insatisfeitos e não concordamos com o artigo

e com a publicação do mesmo por esta revista".

Zita Paiva e os assinantes de Araxá

DECLARAÇÃO

A quem possa interessar, declaro que os fatos citados na matéria: "Jesus os meninos estão sofrendo!" Revista Ave Maria nº 12, Dezembro de 1984 — páginas 8 e 9, especificamente, referente a minha pessoa e história, foram passados sem meu devido conhecimento de que seriam publicados.

Declaro mais que o subtítulo "Imaculada a Irmã que pecou", não é de minha autoria.

Isabel

MAL ENTENDIDO

A entrevista que fiz com a Isabel foi tratada através de uma terceira pessoa que se incumbiu de esclarecer o motivo da mesma. Porém o termo usado foi mal interpretado. A pessoa falou na elaboração de uma "Matéria" e a entrevistada, tendo em vista a sua profissão — professora — achou ser aquele um trabalho de escola. Neste sentido, entendeu "Matéria" como "Disciplina" e não "Reportagem" (como o termo é entendido no meio jornalístico). Não houve má intenção de minha parte, apenas ouvi e relatei um testemunho de quem viveu num orfanato.

Ana Valim

CONTRIBUIÇÃO

Queremos parabenizar a Revista Ave Maria pelas reportagens que vêm sendo publicadas, especialmente, as de autoria de Ana Valim. Essas reportagens têm contribuído para o nosso trabalho junto aos menos favorecidos. Nós precisamos de reportagens que esclareçam tanto os agentes pastorais como o povo; e o verdadeiro profeta é aquele que anuncia a Boa Nova, mas também denuncia as injustiças. Precisamos de pessoas que tenham a coragem de "botar-a-boca-no-trombone".

*Irmãs Nilza e Ana Maria
Cong. Santa Teresinha do Menino Jesus
São Bernardo do Campo, SP*

VOCÊ É NOSSA CONVIDADA

Se você quer ser uma mensageira da Palavra de Deus, trabalhando na divulgação da Boa Imprensa, então venha juntar-se a nós.

A nossa missão principal é o apostolado da divulgação da BOA LEITURA e também a Assistência Espiritual à Juventude, seguindo o exemplo do nosso Padroeiro S. Pedro Canísio.

Aguardamos a sua correspondência. Escreva-nos:

Irmãs de S. Pedro Canísio
Casa Regional
Av. W-5 Quadra 908/C Bloco "F"
Caixa Postal 07.919
70.390 — Brasília - DF

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Gilson Baggio, cmf

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

DOMINGO DA PÁSCOA NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR — 7/4/85 CRISTO RESSUSCITOU, ALELUIA!



1ª LEITURA: At 10,34a.37-43.

Este trecho faz parte do discurso de Pedro na casa de Cornélio, centurião romano, que é aceito na comunidade cristã, contrariando o costume até então vigente nos grupos cristãos provindos do judaísmo e que se julgavam os escolhidos de Deus em prejuízo dos gentios, dos pagãos. Assim que a perícopes inicia falando que Deus não faz distinção de pessoas (v. 34) e mostra de que forma concreta ele assim agiu na história da salvação: Jesus de

Nazaré, a palavra enviada por Deus foi dirigida a todos e fez o bem a todos que dele se aproximaram, tendo sido depois crucificado e morto pelos judeus. Mas Deus o ressuscitou da morte "ao terceiro dia" — aqui nós encontramos já os fundamentos de nosso Credo, este é o anúncio do querigma, o resumo de tudo o que nós acreditamos e que foi expresso por Pedro neste discurso.

2ª LEITURA: Col 3,1-4. São Paulo inicia a parte parênética (exortação) (3,1-4,6), chamando a atenção para o fato de que a ressurreição de Cristo, na qual participamos, é o fundamento de toda a vida prática do cristão — por isso ele continua o texto, falando dos preceitos da vida cristã, da vida moral, da prática apostólica de cada um dos cristãos — nós que ressuscitamos com ele devemos buscar as coisas do alto.

EVANGELHO: Jo 20,1-9. Esta perícopes nos traz o relato da ressurreição sem usar o esquema querigmático, isto é, que Jesus ressuscitou conforme as escrituras e o anúncio feito pelos anjos, conforme nós encontramos nos sinóticos (cf., por ex., Mc 16,1-8). Ele fala que a fé na ressurreição não foi imediata, acentua a incredulidade dos discípulos (v. 8-9) e a fé que foi adquirida porque "viram e creram". Podemos notar ainda o lugar de destaque que ocupa Pedro — é ele quem entra por primeiro no sepulcro, ele é que deve ser como pedra, o fundamento da fé na ressurreição de Jesus.

COMENTÁRIO: Hoje é Domingo da Páscoa — é o maior dos domingos, o primeiro dos domingos, o dia em que celebramos a maior festa cristã, o centro de toda a nossa fé: a RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO — Como João diz: "No primeiro dia da semana..." — este dia da ressurreição marcou a vida do cristão que celebra a cada domingo este mesmo acontecimento.

Celebrar hoje a ressurreição de Jesus é partir da verdade expressa por Pedro na primeira leitura — a ressurreição colocou por terra uma vez por todas todos os preconceitos, todas as formas de marginalização — Deus não faz distinção de pessoas.

Se Cristo hoje ressuscita glorioso é porque o Pai veio nos dizer que a morte e tudo o que causa a morte deixou de existir e não tem valor algum para Deus — o que importa é a vida e que todos tenham a vida em abundância. Deus, pela ressurreição de Jesus, veio mostrar que o seu projeto não concorda com os projetos que nós fazemos dentro de nossa limitação e quem sabe dentro de nossos interesses egoístas. O seu projeto é a salvação de todos — por isso a morte de seu Filho não foi o fim, não frustrou a economia da salvação, mas colocou em destaque um novo compromisso para nós cristãos: buscar as coisas do alto, como nos advertia Paulo.

Celebrar hoje a ressurreição de Jesus é ter a certeza de que não vai faltar pão para quem tem fome (conforme refletimos na CF), pois surge um novo dia, é o dia da Páscoa, dia de alegria, dia da vitória sobre a morte e o pecado.

Vivamos, pois, com intensidade a Páscoa do Senhor, a nossa Páscoa.

2º DOMINGO DA PÁSCOA — 14/4/85 VIVEMOS A PÁSCOA AO VIVER A CARIDADE E A UNIÃO



1ª LEITURA: At 4,32-35. Este trecho nos traz mais um sumário lucano sobre a vida da primeira comunidade cristã (cf. At 2,42; 5,12-16). Ele fala do despojamento de cada um, da partilha de bens, da união de pensamento e intenções, enfim da vida de comunhão (koinonia) — tudo isto era animado pelos apóstolos que davam testemunho da ressurreição de Jesus — a ressurreição é o vínculo de união e de fraternidade.

2ª LEITURA: 1Jo 5,1-6. Neste belo texto, São João nos diz que o amor a Deus só pode ser verdadeiro e só pode ser percebido quando amamos os irmãos, amamos o próximo que é filho de Deus; é assim que se pode viver a verdadeira caridade e comunhão conforme o modelo apresentado na primeira leitura (At 4,32ss).

EVANGELHO: A perícopes escolhida para este segundo domingo da Páscoa tem uma profundidade sem par e vários são os pontos em destaque: a morte de Jesus trouxe o medo e o desânimo para os discípulos — Jesus ressuscitado lhes aparece e lhes transmite toda a sua força — esta força é o Espírito Santo e ela produz a paz. Outro ponto importante é que a ressurreição de Jesus é uma nova criação. Como no Gen (1,2) o Espírito pairava sobre o caos e deu a forma e a harmonia ao mundo com a criação, a ressurreição restaura e recria este mundo marcado pelo pecado e pela morte.

Em terceiro lugar — a fé que nos advém com o testemunho do ressuscitado — não é preciso tocar para ter a experiência de Cristo redivido — somos nós felizes quando cremos sem ter visto.

COMENTÁRIO: Para muitos de nós a participação da liturgia eucarística se torna uma rotina e não percebemos que ela celebra a ressurreição do Senhor que a cada dia e em especial a cada domingo é renovada.

Assim que o domingo parece ter perdido a sua função e se tornou um simples dia de descanso para alguns, enquanto que para outros é um dia como outro qualquer, já que o mundo de hoje pede que inúmeras pessoas trabalhem nesse dia.

O importante, no entanto, não é o descanso ou o trabalho, mas sim o viver a vida cristã em todos os momentos: no afã diário ou no lazer. É por isso que o tempo litúrgico da Páscoa se estende por cinquenta dias até Pentecostes, para que aprendamos a viver uma vida nova, não mais marcada pelo pecado, pelos interesses puramente humanos, quem sabe portadores dos preconceitos marginalizadores, etc.

Hoje, temos um exemplo a ser imitado — o modo como vivia a comunidade cristã no início, impelida pelo testemunho dos apóstolos e pela luz da ressurreição. Não se trata de um simples ideal colocado por Lucas para a nossa edificação, mas sim, de um projeto a ser vivido e realizado.

Ficamos muitas vezes de mãos amarradas, ou de braços cruzados sem saber como viver o nosso batismo — nele nós ressuscitamos com Cristo para uma vida nova, para o amor. Só poderemos viver de fato a ressurreição quando amarmos o nosso próximo — isto é um programa exigente para todos nós, e disto temos consciência.

A comunhão e a participação tanto refletida e desejada depois de Puebla não são senão o ideal da comunidade primitiva que vivia um só coração e uma só alma porque compreendeu o que é viver a ressurreição do Senhor.

Será que nós também compreendemos?

3º DOMINGO DA PÁSCOA — 21/4/85

TESTEMUNHAR O RESSUSCITADO — NOSSA MISSÃO CRISTÃ



1ª LEITURA: *At 3,13-15.17-19.*

O texto lido nos traz como no Domingo da Páscoa um trecho de um discurso de Pedro. Desta vez, trata-se do discurso que Pedro pronunciou no Templo depois de ter curado um aleijado em nome de Jesus. O cerne de suas palavras é o querigma, isto é, que Jesus, tendo sido morto, foi ressuscitado por Deus ao terceiro dia conforme as Escrituras. Explica que a obra de Deus é muito maior que a cura de um doente, ele glorificou seu servo

Jesus, ressuscitando-o dos mortos, e nos deu esta mesma glória, esta mesma salvação. Fica, porém, algo para ser feito: para merecê-la necessitamos de nos convertermos e arrependermos-nos de nossos pecados.

2ª LEITURA: *1Jo 2,1-5a.* João continua aqui o pensamento da primeira leitura: Jesus morreu pelos nossos pecados, é o nosso advogado junto do Pai (v. 1). Nós o conhecemos, isto é, nós o amamos quando guardamos os seus mandamentos. Sem a prática dos mandamentos não se pode conhecer verdadeiramente a Deus e a Jesus Cristo.

EVANGELHO: *Lc 24,35-48.* Esta perícopa nos apresenta mais uma aparição do ressuscitado — é bom observarmos que estas narrativas são diversas nos sinóticos, mostrando que a experiência da ressurreição não é algo que se possa enquadrar num esquema preestabelecido: a ressurreição quebra todos os esquemas, ela é a vitória sobre a morte e são várias as experiências, como nos narram os evangelistas.

Aqui, Lucas acentua mais uma vez a incredulidade dos discípulos que estavam com medo dos judeus depois da morte de Jesus — Jesus lhes aparece, anuncia-lhes a paz (fruto da ressurreição, da vida nova), mostra-lhes as marcas da ressurreição e, para certificar que se trata dele mesmo, come com os apóstolos. Por fim, o próprio Cristo desvenda o núcleo de nossa fé — que o Messias, o Salvador, devia sofrer, morrer pelos pecados e ressuscitar conforme as Escrituras — isto é o que os apóstolos devem anunciar, disto devem ser testemunhas.

COMENTÁRIO: Quem de nós já não se sentiu sozinho, abandonado, sem ter o que fazer diante do mundo tão exigente, tão cheio de contrastes e paradoxos? Quem de nós já não teve a experiência de ver frustrar-se o seu projeto de construir a paz, a fraternidade?

Lemos que os apóstolos estavam com medo dos judeus, que sequer perceberam que era Jesus que estava no meio deles, foi preciso que ele se apresentasse, que mostrasse até os sinais físicos de sua morte para que pudessem crer na ressurreição. Jesus come com os apóstolos: comer com alguém tem um grande significado — quer dizer que tomamos não só o mesmo alimento, mas que concordamos nas idéias, nos projetos a realizar, etc.

Assim que, após a refeição, Jesus diz que os apóstolos se tornaram testemunhas da ressurreição. Devem anunciar que o Messias, conforme as Escrituras, ressuscitou pelo poder de Deus.

Hoje, a mesma cena se repete quando, ao participarmos da eucaristia, Jesus está conosco, se manifesta ressuscitado a nós e não comemos com ele, mas ele se torna o nosso alimento.

Desta forma, o nosso compromisso cristão é exigente: testemunhar a ressurreição não é apenas um ato de palavras, mas de atos que comprovem ao mundo nossa fé — é como Pedro que cura o aleijado. Quantos aleijados estão aguardando a nossa ação, esperam de nós a palavra da vida, da verdadeira vida.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de março — 6ª-Feira: 1ª Leitura Ez 18,21-28, Evangelho Mt 5,20-26; **Dia 2** — Sáb.: 1ª L. Dt 26,16-19, Ev. Mt 5,43-48; **DOM.**; **Dia 4** — 2ª-F.: 1ª L. Dn 9,4b-10, Ev. Lc 6,36-38; **Dia 5** — 3ª-F.: 1ª L. Is 1,10.16-20, Ev. Mt 23,1-12; **Dia 6** — 4ª-F.: 1ª L. Jr 18,18-20, Ev. Mt 20,17-28; **Dia 7** — 5ª-F.: 1ª L. Jr 17,5-10, Ev. Lc 16,19-31; **Dia 8** — 6ª-F.: 1ª L. Gn 37,3-4.12-13a.17b-28, Ev. Mt 21,33-43.45-46; **Dia 9** — Sáb.: 1ª L. Mq 7,14-15.18-20, Ev. Lc 15,1-3.11-32; **DOM.**; **Dia 11** — 2ª-F.: 1ª L. Ex 17,1-7, Ev. Jo 4,5-42; **Dia 12** — 3ª-F.: 1ª L. Dn 3,25.34-43, Ev. Mt 18,21-35; **Dia 13** — 4ª-F.: 1ª L. Dt 4,1-5-9, Ev. Mt 5,17-19; **Dia 14** — 5ª-F.: 1ª L. Jr 7,23-28, Ev. Lc 11,14-23; **Dia 15** — 6ª-F.: 1ª L. Os 14,2-10, Ev. Mc 12,28b-34; **Dia 16** — Sáb.: 1ª L. Os 6,1b-6, Ev. Lc 18,9-14; **DOM.**; **Dia 18** — 2ª-F.: 1ª L. Mq 7,7-9, Ev. Jo 9,1-41; **Dia 19** — 3ª-F.: 1ª L. 2Sm 7,4-5a.12-14a.16, 2ª L. Rm 4,13.16-18.22, Ev. Mt 1,16.18-21.24a; **Dia 20** — 4ª-F.: 1ª L. Is 49,8-15, Ev. Jo 5,17-30; **Dia 21** — 5ª-F.: 1ª L. Ex 32,7-14, Ev. Jo 5,31-47; **Dia 22** — 6ª-F.: 1ª L. Sb 2,1a.12-22, Ev. Jo 7,1-2.10.25-30; **Dia 23** — Sáb.: 1ª L. Jr 11,18-20, Ev. Jo 7,40-53; **DOM.**; **Dia 25** — 2ª-F.: 1ª L. Is 7,10-14, 2ª L. Hb 10,4-10, Ev. Lc 1,26-38; **Dia 26** — 3ª-F.: 1ª L. Nm 21,4-9, Ev. Jo 8,21-30; **Dia 27** — 4ª-F.: 1ª L. Dn 3,14-20.91-92.95, Ev. Jo 8,31-42; **Dia 28** — 5ª-F.: 1ª L. Gn 17,3-9, Ev. Jo 8,51-59; **Dia 29** — 6ª-F.: 1ª L. Jr 20,10-13, Ev. Jo 10,31-42; **Dia 30** — Sáb.: 1ª L. Ez 37,21-28, Ev. Jo 11,45-56; **DOM.**

4º DOMINGO DA PÁSCOA — 28/4/85

JESUS RESSUSCITADO — O BOM PASTOR QUE DÁ VIDA ÀS OVELHAS



1ª LEITURA: *At 4,8-12.* O texto de Atos continua aqui o tema do domingo passado — Pedro, após ter curado o aleijado, é levado juntamente com Paulo ao Sinédrio e acusado pelos sacerdotes e chefes do Templo. Esta perícopa é a resposta de Pedro — vemos a coragem do apóstolo em anunciar mais uma vez a ressurreição de Jesus, a sua vitória sobre a morte — ele não só está vivo pelo poder de Deus, mas é o único nome pelo qual nos vem a salvação — foi pelo

nome de Jesus (Javé salva) que aquele aleijado foi curado — ele é a pedra angular, rejeitada pelos construtores (Sl 118,2).

2ª LEITURA: *1Jo 3,1-2.* Como em todos os domingos, João nos fala com profundidade: a maior prova de amor do Pai é nos ter feito seus filhos. Em Cristo somos herdeiros de tudo o que o Pai nos reservou em seu plano de salvação: é o que vemos na frase — já sabemos que somos filhos, mas o que seremos ainda não se manifestou (v. 2) — vivermos em plenitude a glória do ressuscitado.

EVANGELHO: *Jo 10,11-18.* A perícopa em questão é a continuação do discurso de Jesus sobre o Bom Pastor — como na primeira leitura, Jesus aqui se manifesta como o bom pastor (poderíamos dizer: o único pastor) que dá a vida pelas ovelhas (v. 11). Jesus se apresenta como o pastor que conhece as ovelhas e é conhecido por elas — elas sabem que ele não é um impostor, um mercenário que não é pastor — ele dá a mesma vida que recebeu do Pai (v. 15) — a salvação operada por Jesus é para todos sem exceção: as ovelhas que não são do aprisco serão conduzidas para ele para que haja um só rebanho e um só pastor.

COMENTÁRIO: Somos filhos de Deus, herdeiros com Cristo, recebemos a mesma vida que Cristo recebeu do Pai. Esta é uma realidade muito esquecida por todos os cristãos — se somos homens, criados por Deus, devemos viver esta dignidade; e muito mais ainda pelo fato de sermos filhos de Deus é que não podemos de modo algum concordar com tudo o que é feito nos dias de hoje.

O único motivo que nos deve levar a lutar por um mundo mais justo e fraterno é nossa adesão a Jesus Cristo. É por isso que ele pode se apresentar como o Bom Pastor e colocar no seu lugar todos os mercenários que se aproveitam da condição dos mais humildes e pobres para seu interesse próprio. A estes as ovelhas desprezam, não ouvem suas vozes, nem querem ser por eles conduzidas.

Hoje, como em outros tempos, estamos fartos de tantos que se arvoram em “salvadores da Pátria” e que sob pele de cordeiro apresentam-se como lobos vorazes que não respeitam sequer a dignidade humana de seus fiéis.

Jesus é o Bom Pastor que, morrendo, deu uma vez para sempre a vida por todos nós, por todos os homens — ovelhas de seu rebanho. Não podemos, pois, ficar de braços cruzados: as ovelhas que ainda não estão no aprisco devem ser para ele conduzidas, devem conhecer e ouvir a voz do Pastor — este é o compromisso que assumimos ao viver mais uma vez este tempo da Páscoa — quem vive a ressurreição tem que anunciar a vida, dar a vida, não pode de modo algum compactuar com as forças da morte, do pecado.

Será que entendemos bem qual o nosso papel?



Ser Missionário. Por quê?

(João Paulo II responde:)

Porque Jesus Cristo quer ter
necessidade dos homens,

- de suas pessoas
- de suas inteligências
- de suas energias
- de sua fé
- de seu amor
- de sua santidade.

Porque Ele quer falar aos homens
com a nossa voz humana.

Porque Ele quer
consagrar a Eucaristia
por meio dos homens.

Porque Ele quer
perdoar os pecados
por meio dos homens.

Porque Ele quer amar
com o coração dos homens.

Porque Ele quer ajudar
com as mãos dos homens.

Porque Ele quer salvar
com os esforços dos homens.

Pense nisto.

Você verá que vale a pena
fazer da vida alguma coisa de
bom; fazer dela um
extraordinário serviço.

É Cristo quem chama!
Ele conta contigo!

Para informações escreva para:

- Seminário Santo Antônio Maria Claret
Tel. (0512) 73-1566 - Cx. Postal, 23
CEP 93250 ESTEIO, RS
- Seminário Claret - Tel. (0195) 24-2048
Cx. Postal, 136 - CEP 13500
RIO CLARO, SP
- Seminário Santo Antônio Maria Claret
Tel. (035) 421-1108 - Cx. Postal, 115
CEP 37550 POUSO ALEGRE, MG

Sim, não sei, não

Frederico Dattler

Mateus ou Levi, o cobrador de pedágio em Cafarnaum, um publicano, conforme é tratado na Bíblia latina, despertava o interesse de Jesus, que lá entrava e saía, passando pelo posto de cobrança. Até que, certo dia, Jesus lhe disse: — “Vem em minha companhia!” — e Mateus largou a profissão lucrativa, invejável para todos, para fazer parte da comitiva do Mestre de Nazaré. O seu caráter era melhor do que a sua fama. Pertencendo a Jesus, ele se curou, se promoveu, se realizou. A alguns sujeitos que achavam ruim ter ele convocado um publicano, Jesus replicou:

— Não são os sadios que necessitam do médico e, sim, os doentes.

Ao ex-cobrador de Cafarnaum o mundo deve o 1.º evangelho, entre todos o mais importante (Mc 2,13-17).

Já no outro lado do Jordão, um doutor em leis acercou-se de Jesus e disse:

— Mestre, eu te acompanharei para onde quer que fores!

Saindo a proposta dum homem de semelhante posição social, Jesus limitou-se a observar:

— As raposas têm suas covas, e as aves do céu os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde pousar a cabeça.

Não consta se o doutor concordou, apesar de tudo. Parece que Jesus preferisse tomar, ele mesmo, a iniciativa.

A um outro, Jesus mesmo lançou o convite clássico:

— Vem em minha companhia!

E quando este pediu adiamento até a morte do pai para se ver livre das obrigações de filho, Jesus mostrou-se inflexível:

— Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus.

Este Reino de Deus não admite delongas por questões de família e conveniências sociais.

Um terceiro possível candidato, convidado ao que parece por Jesus, solicitou somente uma coisa muito humana:

— Eu te farei companhia, Senhor; consente apenas que me despeça da minha gente em casa.

Jesus, entretanto, deixou-lhe a escolha: ou já, ou nunca mais:

— Quem coloca a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus (Lc 9,57-62).

O trabalho autêntico e frutuoso na causa do Cristo exige a separação incondicional da família, bem como de todo o resto. É a lição daquele jovem bem situado financeiramente e de boa estirpe, desejoso de “salvar-se”, de atingir a meta, em vez de fracassar em definitivo. Da boca de Jesus ele ouviu o caminho mais seguro para tanto:

— Vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e vem em minha companhia.

Jesus simpatizava com o idealismo do moço, e tanto mais deve ter sentido a decepção com o recuo do mesmo:

“Consternado com esse modo de falar, o jovem se afastou triste, porque era proprietário de muitos bens” (Mc 10,17-22).

4

NOVOS LANÇAMENTOS

QUATRO NOVOS LIVRETOS (COLEÇÃO "COERÊNCIA E VIDA")
DA EDITORA "AVE MARIA"

Nº 1 — FÉ E SACRAMENTOS

Nº 2 — TEMPO DE IGREJA

Nº 3 — MARIA E OS SANTOS

Nº 4 — PARÁFRASES E PARÁBOLAS

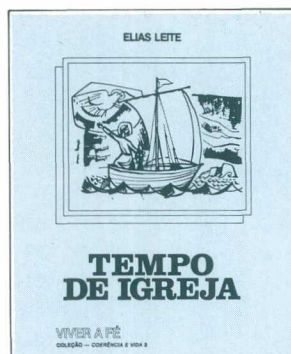
SÍNTESE DE TEMAS IMPORTANTES E
NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO
E A VIVÊNCIA DA FÉ.

ESTA COLEÇÃO É ÚTIL PARA PREPARAR REUNIÕES E PALESTRAS,
PROMOVER REFLEXÕES, AUXILIAR A CATEQUESE, ESCLARECER
TEMAS DA DOCTRINA CRISTÃ, ETC.

O objetivo desta coleção é auxiliar o cristão em sua reflexão religiosa e em sua permanência na aliança com Deus e com seu povo.



O primeiro fascículo desenvolve o tema da Fé e dos sacramentos. O intuito é esclarecer a consciência cristã sobre a própria Fé, para que o cristão a transforme em vida e a viva plenamente. E concomitantemente a celebre nos sacramentos.



O segundo fascículo abrange os tempos fortes do calendário litúrgico como também os momentos importantes da vida da família e as influências do meio e das situações que a cercam.



O terceiro fascículo aborda a posição de Maria na participação dos mistérios da Salvação e na vida da Igreja. Também enfoca a vida de alguns santos, irmãos nossos, como fruto de uma vivência do Evangelho e de sua participação de fidelidade ao plano do Pai.

O quarto fascículo traz um desenvolvimento das parábolas de Jesus numa linguagem literária, ajudando-nos a descobrir a riqueza que existe na linguagem pedagógica do Nazareno.



Esta coleção, série de artigos propositadamente curtos — para quem não tem tempo de ler longos tratados — publicados na revista "AVE MARIA" na década 73-83, favorece e facilita o estudo e a compreensão dos temas centrais da nossa Fé e se torna instrumento excelente como leitura de reflexão e catequese.

PEDIDOS (PELO REEMBOLSO POSTAL): (Cr\$ 3.000 cada livro)
LIVRARIA "AVE MARIA"
CX. POSTAL 54.215 — CEP 01227 SÃO PAULO, SP